

O Teatro em Santos

Da luta de Pagu aos dias de hoje

Movimento Teatral da Baixada Santista

Organização: Marcelo Pestana

2020

Ficha Técnica

“Teatro em Santos, da luta de Pagu aos dias de hoje”

Agradeço a

Organização / Pesquisa / Texto Final: Marcelo Pestana

Colaboração / Pesquisa / Texto: Rafaella Vicentini

Projeto Gráfico / Editoração: Carlos Cirne

1ª edição • 2020

Sérgio Cardoso, Nydia Licia, Maria Clara Machado,
Maria Thereza Vargas, Rubens Ewald Filho,
Maurice Legeard, Belarmino Franco, Tanah Correa,
Carlos Pinto, José Gregghi Filho, Marco Antonio Rodrigues
e Toninho Dantas.

Neste projeto, a

2 Ficha catalográfica

Sergio Willians, Mary Carmen e Marcelo Mathias
(Fundação Arquivo e Memória de Santos)
Karime Moussalli Antigo
Rafael Leal, Raquel Pellegrini e Thátia de Freitas Lima
Rafaella Vicentini, Lincoln Spada
e Júnior Brassalotti.

3

E, em especial, a
Carlos Alberto Cirne de Andrade

Marcelo Pestana

De Pagu e Toninho Dantas até o amanhã! 60 Anos de Luta.

É indefinível todo esforço para a construção histórica de uma luta que beira o intangível. O Teatro, assim como a Cultura, já foram vistos sob perspectivas muito diferentes ao longo do tempo. Este livro é uma tangente, que traça essa linha imaginária, na margem desse leito que se modifica e se transforma constantemente. Mover-se em coletivo, avançar, resistir e manter um horizonte.

O Movimento Teatral tem sua história intrínseca e entrelaçada com o Festival Santista de Teatro (FESTA), o festival em atividade mais antigo do país, uma zona autônoma temporária que cria a utopia do que poderia ser o papel do Teatro na cidade.

Ao longo das últimas décadas, o Movimento Teatral tem lutado no plano da dura realidade, por vezes distópica, por políticas públicas no campo da Cultura, que façam essa ponte entre a Cidade e o Direito Constitucional de acesso e de fruição cultural.

Seja na construção do Teatro Municipal, que fica no Centro de Cultura que leva o nome de Patrícia Galvão; na criação do Conselho Municipal de Cultura; na ocupação e luta pela preservação e uso da Cadeia Velha de Santos como espaço de arte e pensamento; na resistência contra o fechamento da Secretaria de Cultura de Santos na década de 1990; na elaboração e criação da Lei do Facult que apoia projetos culturais de todos os segmentos; na criação da Escola Pública de Teatro Wilson Geraldo (EAC); e de tantas outras lutas que não caberiam nessa breve resenha de apresentação.

Sobretudo, nos movemos há 60 anos pela liberdade de expressão. Luta com tantas idas e vindas, que pode ser vista diariamente na resistência daqueles que mantêm essa chama viva. Da propulsora Pagu, que deu um sentido para esse ajuntamento se potencializar, a todos que mantiveram as luzes acesas. De Toninho, que bradava o sentido de Movimento em nossos corações, até aqueles que estão por vir.

Evoé Movimento!

Movimento Teatral da Baixada Santista

História em evolução

Honrado com o convite recebido do Movimento Teatral da Baixada Santista, na pessoa de Junior Brassalotti, para ajudar a contar esta história – da qual fiz parte – devo salientar uma premissa básica: especialmente em função da amplitude de seu tema, ou da quantidade de informação que compreende, este não procura, em absoluto, ser um volume definitivo sobre a história do Teatro em Santos, ou daqueles que a construíram.

Pelo contrário, procura mais ser o carinhoso recorte de um período que cobre do final da década de 1950 aos dias atuais, com foco na criação e realização daquele que é considerado o mais longo festival de teatro em atividade no país, o *FESTA – Festival Santista de Teatro*.

Para tanto, contei com a voz daqueles que participaram e participam desta jornada, estiveram presentes em eventos relevantes desta história, assim como do acervo jornalístico disponível sobre o assunto e de minhas próprias memórias.

Agradeço a todos que colaboraram para tornar esta obra possível, e peço aos que a desfrutarem que ajudem a manter esta lembrança palpável e viva e, se possível, acresçam informações a esta narrativa, que se quer em permanente construção.

Marcelo Pestana

Origens

O teatro, no Brasil, teve suas primeiras manifestações já a partir do século XVI, com a chegada ao país dos padres jesuítas da Companhia de Jesus, que se utilizavam constantemente das representações teatrais como veículos pedagógicos de catequese, ao acultramento e à religião católica, através da música e da dança. Seu mais destacado autor, no período, foi o padre espanhol José de Anchieta (1534-1597), com suas peças e sacramentais de forte teor religioso, como o "*Auto de Pregação Universal*" e "*Na Festa de São Lourenço*", sacramental, com fundo religioso, moral e didático.

Em Santos, o primeiro registro de atividade teatral data de 1830, no Centro da cidade, numa precária edificação, chamada de ***Teatro de Santos***, situada à Praça Mauá esquina com a Rua Riachuelo (onde hoje está o Edifício Novo Mundo). A utilização do imóvel como teatro perdurou até por volta de 1879, quando este foi transformado em armazém cafeeiro. Não dispozo a casa de infraestrutura, era hábito que o próprio público levasse suas cadeiras para as apresentações.

Pelo fato de o Porto de Santos ser a porta de entrada dos navios europeus no Brasil, as companhias estrangeiras que por aqui aportavam apresentavam-se – na chegada ou na despedida – em Santos, passando por ali o que de melhor se viu em teatro à época.

Com o fim do ***Teatro de Santos***, em 1879, surgem outras casas para abrigar os espetáculos que por aqui passavam, com o adendo de que não funcionavam apenas como teatros, mas sim com múltiplas utilizações.





1830, Teatro de Santos
(atual Pça. Mauá esquina com R. Riachuelo)

O **Rink** – que ficava na Rua D. Pedro II -, por exemplo, recebeu até circos e touradas em seu espaço ao ar livre; a **Variedades**, de 1899, logo se tornou um bar noturno; e por volta de 1900 surge a **Belezinha do Gonzaga** (onde hoje é o Edifício Independência) que, entre muitas atividades, apresentava teatro, e também teve vida curta. Mas marcou um começo de deslocamento da atividade do Centro da cidade para construções à orla da praia.

Teatro Guarany

Data também de 1879 a criação da primeira casa de espetáculos especialmente pensada como teatro da região, o ***Theatro Guarany***.

12

Figuras de destaque da sociedade santista constituíram uma associação para angariar fundos para a construção de um teatro, com a adesão de 512 acionistas e, numa reunião que aconteceu no salão do **Clube XV**, à Rua Itororó, a 21 de dezembro de 1879, deu conhecimento dos progressos do empreendimento.

Inaugurado a 8 de dezembro de 1882, o ***Theatro Guarany*** tinha projeto e execução do engenheiro **Garcia Redondo**, e era adornado internamente com pinturas de **Benedito Calixto**. Foi erigido à esquina da Rua Amador Bueno com a recém-urbanizada Praça dos Andradas, e passa a abrigar todos os grandes espetáculos que chegam à cidade, tendo recebido, a 30 de junho de 1886, a mais famosa atriz do período, a trágica francesa **Sarah Bernhardt**, no drama de **Alexandre Dumas Fº**, **"A Dama das Camélias"**.



Praça dos Andradas, com o Teatro Guarany,
em foto da década de 1900.



Anos depois, em 1905, **Sarah Bernhard**, ao apresentar-se no *Teatro Municipal do Rio de Janeiro*, sofre grave acidente quando um contrarregra retira do local os colchões que amorteceriam sua queda em determinada cena. Ela fere o joelho, o que leva a uma gangrena e à amputação de sua perna.

O *Guarany* recebeu também outras figuras proeminentes do teatro à época, como o ator italiano **Emanuel Giovanni** que se apresentou com "*Othelo*", de **Shakespeare**; ou o grande dramaturgo **Artur Azevedo**, que assistiu ali a uma apresentação de sua comédia "*O Dote*", em 1907.



Entre outras atividades, o *Guarany* recebeu também, durante a década de 1930, concursos carnavalescos promovidos pelos cronistas *Espião da Esquina* (Décio Villares de Andrade), *V. Neno* (Esmeraldo Tarquínio de Campos), *Reco Reco* (Oswaldo Du Pain), entre outros.

Além da importância para a arte e para a história, foi no *Guarany* que surgiu o *Banho da D. Dorotéia*. Entre as várias versões para a criação da tradicional brincadeira carnavalesca, consta que esta foi criada em 1923, por **Luís Vieira de Carvalho** - o *Lorde Gorila* - após assistir, no *Theatro Guarany*, a uma peça do jornalista e teatrólogo **Chico Sá** - "*21 na Zona*" -, onde despontava a frase: "*D. Dorotéia, Vamos Furar Aquela Onda?*", tornando-se este o mote para a brincadeira.

Os foliões – até os anos 1970, todos homens, da conservadora sociedade santista - desfilavam pela orla da praia, fantasiados de mulher, até chegar ao *Clube Saldanha da Gama*, onde acontecia o banho de mar.

O *Teatro Guarany* foi também palco de inúmeros encontros e reuniões de entusiastas tanto da Abolição da Escravatura quanto, posteriormente, da Proclamação da República, em Santos.

17

Em uma de suas histórias mais emblemáticas, durante a estreia da peça "*A Sombra da Cabana*" do poeta e advogado **José André do Sacramento Macuco**, um escravo recebeu sua carta de alforria, que foi paga com o dinheiro da bilheteria.

Em outra ocasião, o doutor **Carlos Garcia** realizou ali uma conferência sobre as vantagens de um governo republicano, em janeiro de 1886.

Foi também neste período, com o surgimento do *Teatro Coliseu*, que o *Guarany* começou a entrar em decadência. Em 1950 passou por alterações em seu interior, onde foi instalado um cinema, um bar e uma loja.



Blocos de foliões da patuscada "Dona Dorotéia, Vamos Furar Aquela Onda?" (1939)
(reprodução de "História do Carnaval Santista", de Bandeira Júnior - 1974)

Em 1981, pouco tempo antes do seu centenário, um incêndio de grandes proporções praticamente destruiu o imóvel. Em 1994 as ruínas foram arrematadas por um comerciante por R\$ 90 mil. Foi somente em 2003 que a prefeitura de Santos desapropriou o imóvel e iniciou um projeto de recuperação. A obra durou 22 meses e custou cerca de R\$ 6,7 milhões, subsidiados com recursos obtidos por meio da Lei Rouanet.

No ***Teatro Guarany***, atualmente, duas colunas de ferro e parte da parede do piso superior remontam à construção original. Com capacidade para 340 pessoas, abriga também a ***Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo***, da Secretaria Municipal de Cultura.

A escola, aliás, é nomeada em homenagem ao premiado ator e diretor de teatro **Wilson Geraldo dos Santos**, e foi dirigida, desde sua fundação em 2010 pelo jornalista, diretor e carnavalesco **Roberto Peres**, até sua morte em 2014. Atualmente, a escola conta com direção artística da atriz **Renata Zhaneta**.

As pinturas que adornam os tetos do atual ***Teatro Guarany***, de autoria do artista **Paulo von Poser**, são uma obra à parte. A primeira, no teto da sala de espetáculos, retrata uma cena do clássico romance "***O Guarany***", de **José de Alencar**. A segunda, pouco apreciada pelo público em geral - por estar localizada no foyer do segundo piso, raramente utilizado publicamente - é uma releitura do artista para um quadro de **Benedito Calixto**, "***Santos em 1890***", mostrando com simetria, como a cidade atual se harmonia perfeitamente com a antiga, evidenciando por meio da pintura o próprio passado e presente do imóvel no qual a obra está abrigada.

Teatro Guarany, 1939



Teatro Guarany • Década de 1960



f: Sílvia Rolim de Moura (FAMS)

Teatro Guarany • Década de 1980



f: Autor Desconhecido (FAMS)



f: acervo Paulo von Poser

Teto da plateia do Theatro Guarany, em obra de Paulo von Poser.



f: acervo Paulo von Poser

Paulo von Poser durante a execução das pinturas do Theatro Guarany



Teatro Coliseu

Situado na esquina das ruas General Câmara e Conselheiro Nébias, em extenso terreno de 4.808 m², projetado pela sociedade formada pelos Srs. José Luiz de Almeida, Heitor Peixoto, Ricardo Travassos e Henrique Porchat de Assis, o **primeiro Coliseu Santista** teve suas obras encampadas pela **União Sportiva**, da capital paulistana, tornando-se *frontão* - espaço dedicado à prática da pelota basca - e velódromo. Funcionou de 1897 a 99, fechou, e foi reaberto em 1901, para a prática da pelota basca, tendo falido no mesmo ano e tendo seus bens adquiridos por Antonio Ferreira de Carvalho.

O **segundo Coliseu Santista** foi erguido pelo empresário carioca **Francisco Serrador**, em terreno sito entre as ruas do Rosário (João Pessoa), Amador Bueno e Brás Cubas, como cine-teatro, inaugurado em 23 de julho de 1909.

Com sofisticados equipamentos e construção, o **Coliseu** ostentava, quando de sua inauguração, uma plateia de 800 poltronas, num salão iluminado por 400 lâmpadas elétricas.

Anos depois, reformado pelas mãos de seu novo proprietário, o empresário santista **Fins Freixo**, teve sua altura aumentada, e seu pátio de entrada fechado em imponente hall, encimado por um salão de baile, sendo entregue ao público a 21 de junho de 1924.

A luxuosa edificação em estilo neoclássico eclético, tinha acústica considerada excepcional à época, graças à presença de um espelho d'água sob o palco, que funcionava como caixa de ressonância.

Esta particularidade acabou sendo removida, em função de surtos epidêmicos de mosquitos ocorridos na cidade. Com material e mão de obra toda importada, a construção do **Coliseu** utilizou ferro estrutural inglês, cimento e o mármore de Carrara, e telhas francesas.



Seus 2.300 lugares (incluindo salão de festas e foyer) incluíam espaço para uma orquestra de até 100 músicos. Atualmente o teatro possui 740 lugares, para atender às normas de segurança do Corpo de Bombeiros.

Em 1929, depois de readequação técnica, passa a exibir os **talk movies**. Na noite de 28 de setembro daquele ano apresentou os filmes "**Melodia da Broadway**" (1929), "**Follies**" (1929) e "**O Cantor de Jazz**" (1927), com **Al Johnson**, todos eles devidamente "*falados, cantados e dançados*". A exibição ficou a cargo da **Empresa Cine-Teatral**, de **Manoel Fins Freixo**.

A partir de então, o **Coliseu** recebeu os mais renomados artistas nacionais e estrangeiros, especialmente eruditos, incluindo a soprano **Bidu Sayão**, interpretando a ópera "**O Guarany**", de **Carlos Gomes** (1836-1896), assim como a escritora **Ítala Gomes de Moraes**, filha do mesmo maestro **Carlos Gomes**.

29

No período também pôde ser assistido o **Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro**, sob a direção de **Maria Olenewa**. Além de vários bailes de Carnaval dos clubes da cidade. Começa a perder importância nos anos 1950 e, em 1967, é bastante descaracterizado, com a demolição de camarins e oficinas na parte de trás do teatro. Até que nos **anos 1970**, em **plena decadência**, passa a ser utilizado para a exibição de filmes pornográficos. Somente no começo dos anos 1980 começa o movimento para preservação da edificação, com o início do processo de tombamento em 1982, que foi finalizado em 1989. Em 1992 foi considerado de utilidade pública e, em fevereiro de 1993 o imóvel é desapropriado pela Prefeitura, em negociação com os proprietários, a família Freixo.

Outras Casas

Como a primeira casa de espetáculos da cidade, o **Teatro de Santos**, de 1830 e reformado em 1854, com “...a fachada toda pintada de novo e o tom castanho do óleo a brilhar nas cinco portas da Rua do Campo, denominação esta mais tarde desaparecida, para formar o Largo do Chafariz, ou da Coroação, hoje Praça Visconde de Mauá. As paredes, teto, assoalhos, assentos etc., tudo foi reformado e pintado com gosto e simplicidade...”, a direção da casa apelava ao público pela “...sua concorrência, em atenção às despesas que se fizeram, visto que, por infelicidade, nenhum outro divertimento se encontra nesta cidade...” (Revista Comercial – 30/1/1854).

30 Mesmo com os preços praticados - camarotes de primeira ordem 7\$000 (sete mil réis); de segunda ordem, 6\$000 (seis mil réis) e platéia, 2\$000 (dois mil réis) – e todo o aparato técnico disponível na casa de espetáculos - caixa de ponto, camarotes, palco, pano-de-boca, platéia e rotunda -, se os espectadores quisessem sentar-se para as récitas, eram obrigados a levar suas próprias cadeiras (eles ou seus escravos).

Companhias nacionais e internacionais passaram pela casa, apresentando obras de consagrados autores como **Alexandre Dumas** (pai e filho), **Antonio José, Beribe, Burgan, Giarret, Gil Vicente, Gomes Amorim, Gomes Leal, Gonçalves Magalhães e Martins Pena**, entre muitos outros. A casa recebeu também seu primeiro baile de Carnaval, em 1851, criando uma tradição que se repetiria por muitos anos.

Em 1869, recebeu o compositor e pianista norte-americano **Louis Moreau Gottschalk** (1829-1869), autor da “**Grande Fantasia Triunfal Sobre o Hino Nacional Brasileiro**”, que dedicou a Sua Alteza Imperial, a Condessa d’Eu. Três meses após se apresentar em Santos (18/12/1869), o compositor viria a falecer, no Rio de Janeiro, em decorrência do tratamento contra malária.

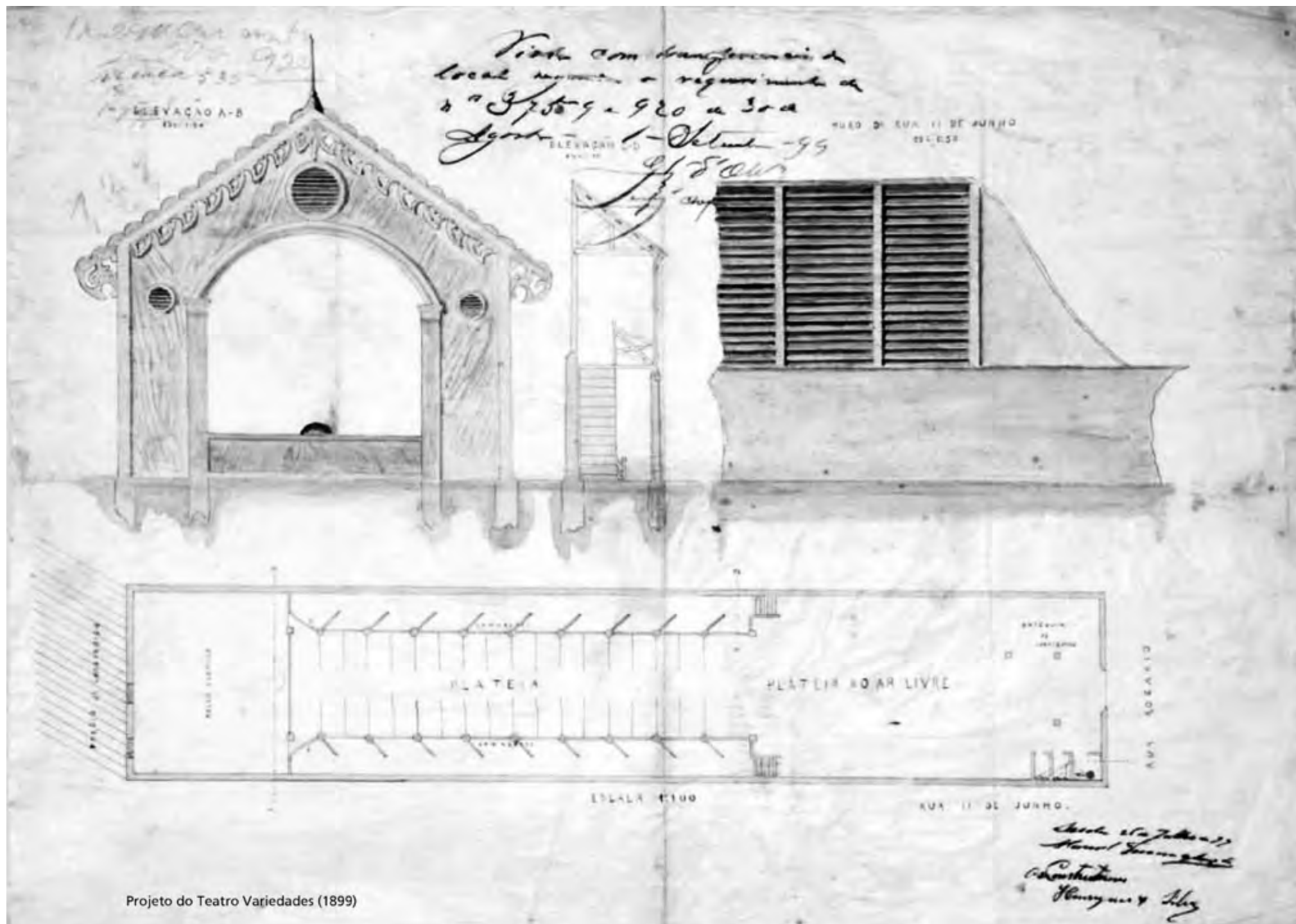
A má conservação fez com que a centenária edificação deixasse de ser usada como teatro em 1879, tornando-se armazém cafeeiro e loja (Casas Pernambucanas), até ser demolida, nos anos 1940, dando lugar ao Edifício Novo Mundo.

Skating Rink

Em 1879 é aberto o **Skating Rink** – na Rua de São Francisco, esquina do Largo do Itororó (Praça Correia de Melo) – versátil edificação em zinco e madeira, que se prestava a atividades como patinação, luta, corrida de touros, circo, teatro e bailes, incluindo os de Carnaval. Manteve-se em funcionamento até o final de 1889, quando encerrou atividades com a festa de Réveillon daquele ano.

Teatrinho Variedades

Erguido na esquina da Praça dos Andradas com a Rua XV de Novembro, o **Variedades** - inaugurado em 3 de dezembro de 1899 - possuía persianas de madeira para ventilação. Vendido por seu incorporador, Manoel Teixeira da Silva, em 1902, o **Variedades** virou então filial do **Moulin Rouge**, café-concerto de São Paulo.



Projeto do Teatro Variedades (1899)

Como o próprio nome dizia, o **Variedades** recebia “variadas” atividades em suas instalações como, por exemplo, o nascimento do **C.A. Internacional** – o primeiro time de futebol do litoral paulista. O **Variedades** resistiu até abril de 1903.

Teatro Cassino Parque Balneário

Em 1923, é inaugurado no Gonzaga o **Teatro Cassino Parque Balneário**, que se tornaria uma das mais tradicionais casas de espetáculos e cinema da cidade. Sua abertura se deu com uma apresentação da **Companhia Francesa de Revistas Bataclan**.

Ainda no Centro, o **Cassino Monte Serrat** apresentava teatro de revista, e seus frequentadores eram transportados para o cassino gratuitamente no bondinho, em 1927.

34

A partir dos anos 1950, outras associações começam a reservar espaço para o teatro. Alguns exemplos são: **Círculo dos Operários de Santos** (esquina da Rua da Constituição com Marechal Pego Junior); **Associação Atlética Portuguesa** (no estádio Ulrico Mursa); e **Teatro Sesc-Senac**, na Av. Cons. Nébias 303, que tinha, como proposta inicial, seu uso exclusivamente destinado aos grupos amadores regionais, e apresentou, em sua inauguração (1960), “**O Santo Milagroso**”, de **Lauro Cesar Muniz** (1938).

No canal 2 (Av. Bernardino de Campos, 649) ficava o **It Clube**, que improvisou um espaço para a realização do **Fextin – Festival Experimental de Teatro Infantil** (depois incorporado ao **FESTA**), idealizado por **Roberto Villani** e organizado pela Federação, sob a presidência de **Carlos Pinto**, em 1969.



No **Colégio Martins Fontes**, um grupo de estudantes criou o **TEN – Teatro Estudantil de Novos** -, que estreou com a montagem de *"Toda Donzela Tem Um Pai Que é Uma Fera"*, de Gláucio Gil, dirigida por Reinaldo Pereira. Na **Sociedade Italiana**, destinada a imigrantes e filhos de italianos, o teatro era utilizado como instrumento pedagógico. A sociedade também recebia apresentações de grupos profissionais em seu salão, à Av. Ana Costa.

Com o surgimento do **Clube de Arte** (1955), começa uma fase de efervescência do teatro amador na cidade. De sua inauguração, até meados dos anos 1960, o **Clube de Arte** e alguns de seus mais ilustres frequentadores como **Patrícia Galvão**, **Evaristo Ribeiro**, **Paulo Lara**, **Oscar Von Pfull** e sua esposa **Gilberta Autran**, e **Evêncio da Quinta**, entre outros, impulsionaram o fazer teatral amador em Santos.

Foi intensa também a utilização do **Teatro da Rádio Clube** (depois *Cine Alhambra* e hoje demolido), que acabou substituído pelo **Teatro Independência** (depois discoteca e bingo, atualmente fechado), na Av. Ana Costa, na utilização pelos grupos, como alternativa ao **Coliseu**, muito grande e caro.

Teatro nos Clubes

O **Clube XV**, o mais antigo clube social do País, existe a partir de um dos vários grêmios que congregavam as famílias santistas. A **Sociedade Carnavalesca Santista** foi sua precursora. A partir de uma dissidência de seus associados, foi fundado um novo grêmio, com 15 participantes; portanto, **Clube dos XV**,

simplificado para **Clube XV** a fim de não restringir a entrada de novos membros. A nova sociedade pretendia promover reuniões artísticas, literárias e sociais.

A agremiação passou por várias sedes até que, na década de 1960 começou a construir nova sede, inaugurada a 12 de junho de 1969, na festividade dos seus 100 anos (mesmo inacabada). Nos anos 1970, o diretor cultural do clube, **Emanoel Leon**, convidou **José Gregui Filho** para dirigir o **Grupo de Teatro do XV**, onde surgiram nomes como **Jonas Mello**, **Evelina Alca Santana**, **Cláudio Silveira** e **Beth Caldeira**.

No mesmo período, **Belarmino Franco** abre ali um curso de teatro, e monta espetáculos como *"A Máquina do Tempo"*, adaptado de **Monteiro Lobato**, com 60 personagens! Este espetáculo ficou mais de dois anos em cartaz, passando também pelo **Caiçara Clube** e pelo palco da **Rádio Clube**. Na sequência, **Tanah Correa** veio trabalhar com o grupo, montando *"Casadas e Solteiras"*, de **Martins Pena**, para fundar em seguida o **Motim**.

Clube Atlético Santista

Sob supervisão de Gregui Filho, o **Clube Atlético Santista** desenvolveu sua movimentação teatral com as montagens de *"A Princesa e o Sapo"*, *"A Rosa Verde"* e *"A Farsa do Príncipe Invisível"*. Nesta época, dissidentes do grupo **Motim** formaram ali o **Grupo Opção**, sob direção de **Edivaldo Francisco Pereira**, **Yara Maria do Nascimento**, **Carlos Carlsen** e **Paulo Maurício**.

Nos anos 1980 o clube mantinha uma escola de teatro, que empreendia uma temporada permanente de teatro infantil. O **Atlético**, além de produzir os espetáculos, mantinha temporada de apresentações gratuitas abertas ao público.

Centro de Expansão Cultural

O **Centro de Expansão Cultural** foi criado em 1949, no **Parque Balneário Hotel**, como uma entidade só para cuidar da arte e da cultura da cidade. Atendia-se amplamente todo tipo de atividade artística, como peças teatrais, concertos, óperas, balés, exposições de artes plásticas.

TIC - Teatro Íntimo de Comédia

38

O **TIC** foi fundado em fevereiro de 1966, por **Paulo Lara** e **Gregghi Filho**. Um teatro com 150 lugares, no prédio do **Parque Balneário Hotel**, como a primeira companhia de teatro estável de Santos, com o objetivo de formação de plateia teatral. O projeto acabou devido a inúmeros problemas, incluindo falta de apoio de órgãos oficiais ou entidades privadas. O **Santos Futebol Clube**, dono do prédio, pediu o espaço de volta, decretando o final do **TIC**.

Real Centro Português

A fundação do **Real Centro Português de Santos**, entidade com fins culturais, educativos, recreativos e beneficentes, acontece a 3 de novembro de 1895, na Praça Mauá nº 33.

A corporação cênica do **Centro Português**, uma das mais antigas da cidade, teve sua primeira apresentação em 2 de maio de 1899. Em 15 de maio de 1908 foi inaugurada sua sala de espetáculos, destinada a apresentações teatrais e concertos, com 500 lugares. Em 1945, o Centro passou a ser chamado de **Centro Português** e, em 2008 recebeu o nome de **Centro Cultural Português**. A 1º de dezembro de 2017, seu teatro foi reinaugurado, com apresentação da **Orquestra Sinfônica de Santos**, sob regência do maestro **Luiz Gustavo Petri**, nomeado **Teatro Armênio Mendes**, comportando mais de 300 espectadores.





Corpo Cênico do Real Centro Português, em 1908 (da esquerda para a direita)

- 1º plano:** Antonio Tavares da Silva, Manoel Luiz Alves, menina Requião, Alfredo Tavares da Silva e André Soares de Lacerda
- 2º plano:** D. Maria Fernandes, D. Silvina Terraça, Srta. Lina Collaço e D. Maria Eugénia
- 3º plano:** Elias Teixeira da Fonseca (Ensaíador), Bernardino de Barros (Diretor Cênico), Amadeu F. Vianna, Antonio Monteiro Morgado e Dr. Manoel Homem de Bittencourt
- 4º plano:** Joaquim Gomes da Fonseca, José Pereira d'Araújo, Alfredo Gonçalves, Jayme P. de Souto Corrêa, Luiz Lang, Gabriel F. Maduro

(Acervo da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos)



Corpo Cênico do Real Centro Português, em 1913 (da esquerda para a direita)

- No chão:** José Serra, Alberto Morgado, M. Praça (o Tambalão), D.C. Silveira (o Pinóia), J.G. Loyo (o Cenas Fortes), Alberto Vieira, Annibal Barreira (auxiliar do maquinista)
- Nas cadeiras:** A.Nunes (secretário da Corporação), Monteiro Morgado (Diretor Cênico), Srtas. Maria Ignez, Arminda Serra, Rozalina Fernandes, Brígida Morgado, Alice Serra e Sr. Alípio de Carvalho (arquivista)
- Em pé:** Joaquim Moraes Sarmiento, José de Jesus (ponto), Irineu Costa, Accacio Leite (o Cabeça de Gato), José Sartini (sócio honorário), F. Paéno (o Tenor), A.Côrte Real (o Pipa)

(Acervo da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos)

Teatro Municipal Brás Cubas

Lar de inúmeros fantasmas, segundo as lendas contadas pelos funcionários que trabalham no local há décadas, o **Teatro Municipal Brás Cubas** mescla em sua existência muitas outras histórias. Uma conquista de classe teatral da cidade, foi inaugurado oficialmente em 10 de março de 1979, vindo suprir a carência cultural pública na cidade. Todas as casas de espetáculos existentes em Santos eram particulares, até então.

Em 1983, a **Delegacia de Cultura de Santos**, sob orientação de **Carlos Pinto**, promoveu uma oficina de teatro no espaço, reunindo veteranos do teatro amador. Foi assim que, pouco tempo após ser inaugurado, o **Municipal** passou a ser ocupado pelos artistas da região. A realização do então chamado **I FESTA - Festival Santista de Teatro Amador**, em 1987 foi o impulso que faltava para que o teatro amador ocupasse por completo o local. Instalado no **Centro Cultural Patrícia Galvão**, o **Municipal** foi fechado em maio de 2009 para reforma, reaberto em 2010 com melhorias, incluindo maior número de assentos - de 544 para 588 lugares. Novamente fechado em julho de 2014 e reaberto em 2015.

Teatro de Arena Rosinha Mastrângelo

O **Teatro de Arena Rosinha Mastrângelo** foi inaugurado em 1º de setembro de 1992, no térreo do **Centro Cultural Patrícia Galvão**. Com plateia móvel e voltado para espetáculos experimentais, o teatro tinha capacidade para até 250 lugares. Batizado em homenagem à jornalista, escritora e radialista **Rosina di Napolli Mastrangelo**, nascida a 3 de maio de 1911, e conhecida nos

meios culturais da cidade como **Rosinha Mastrângelo**. Por quase uma década, o **Rosinha** foi ponto de encontro do rock local, além de palco para o início da carreira artística de muitos amadores do teatro santista. Fechado desde 2009, muitas foram as promessas de entrega e paralisações de obras no local. **"Que este novo espaço cultural seja palco da inquietação que instiga mentes, faz transbordar emoções e torna a vida mais humana e feliz"**: a frase, gravada em placa de metal na entrada do espaço, atualmente beira a incoerência. A data de reabertura do espaço continua indefinida.

O Teatro Rosinha Mastrângelo, ainda em obras, no FESTA 61, com a equipe do festival.



Teatro do Sesc Santos

Inaugurado em 22 de novembro de 1986, o ***Teatro do Sesc Santos*** conta com 775 lugares. Além da sala de espetáculos - a maior da cidade -, o Sesc possui, em suas dependências no bairro da Aparecida, vários outros espaços adaptáveis para encenações teatrais, que a cada dois anos, recebem as diversas apresentações do ***Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas***. Um diferencial do ***Teatro do Sesc Santos*** é que todos seus equipamentos são alugados e, portanto, periodicamente renovados, o que permite que o teatro esteja aparelhado sempre com tecnologia de ponta. Suas dependências – utilizadas com frequência pelos artistas locais - permitem à cidade receber grandes companhias nacionais e internacionais.

Em todos os documentos, clara preocupação com manifestações de estudantes em relação a situação pela qual o país passava. Três deles faziam referências a atividades culturais na escola, onde o teatro aparecia como a mais destacada, chegando a haver a proibição de um espetáculo encenado pelos alunos.

Ali surgiu também, em 1953 o ***TEVEC – Teatro Estudantil Vicente de Carvalho*** -, um grupo independente que produziu até a década de 1970. Hoje, ***Teatro do Colégio Canadá*** conhece certa revitalização, por iniciativa de alunos e professores, com espaço aberto a qualquer aluno que tenha interesse em participar.

44

Teatro do Colégio Canadá

Criado em agosto de 1934, o ***Colégio Canadá*** foi o primeiro ginásio estadual de Santos e da Baixada Santista. Sua sede própria foi inaugurada em 28 de agosto de 1937, em terreno doado pela companhia canadense ***The City***, o que rendeu à escola seu nome. O colégio abriga um teatro de palco italiano que revelou grandes nomes do teatro nacional, como **Ney Latorraca, Marco Antonio Rodrigues, Sérgio Mamberti e Cacilda Becker**.

Outrora um espaço de agitação cultural, o ***Teatro do Colégio Canadá*** aparece em 27 documentos do extinto ***Depto. Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo*** (DEOPS/SP), entre maio de 1966 e maio de 1977.

45



f. Agência Patrícia Galvão

Patrícia Galvão

Nascida em São João da Boa Vista/SP a 9 de junho de 1910, **Patrícia Rehder Galvão**, inquieta personalidade adiante de seu tempo, começa a colaborar em 1925 com o ***Brás Jornal***, sob o pseudônimo de ***Patsy***. Isso numa época em que sequer se imaginava uma mulher em tal atividade.

Por volta de 1928, começa a frequentar às reuniões do casal **Oswald de Andrade** e **Tarsila do Amaral**, levada por **Raul Bopp** – que a teria apelidado de ***Pagu***. No ano seguinte, já em meio ao seu romance com Oswald, casa-se com o pintor **Waldemar Belisário**, num arranjo de fachada que seria anulado já em 1930. Neste mesmo ano, já casada com Oswald, dá à luz seu primeiro filho, **Rudá de Andrade**.

47

O ano de 1931 foi especialmente controverso em sua biografia. **Pagu** filia-se ao ***Partido Comunista Brasileiro*** e, a 23 de agosto é presa em Santos/SP, durante um comício em desagravo aos anarquistas norte-americanos **Sacco e Vanzetti** (presos e condenados em processo extremamente suspeito), quando um estivador morre em seus braços, fuzilado pela polícia getulista. É presa na **Cadeia Velha**, na **Praça dos Andradas**, a mesma edificação que hoje abriga um **centro cultural** que leva seu nome.

Nos anos seguintes ela se alterna entre diversos trabalhos humildes no Rio de Janeiro, enquanto se dedica ao romance ***"Parque Industrial"***, lançado sob patrocínio de **Oswald de Andrade**, com o pseudônimo de Mara Lobo, por exigência do Partido Comunista. Em seguida, parte em longa viagem pelo mundo, como correspondente dos jornais ***Diário de Notícias***

e **Correio da Manhã** (Rio) e **Diário da Noite** (SP), percorrendo países da Ásia e da Europa. De sua visita à China resulta um fato determinante para a economia brasileira e praticamente desconhecido do público em geral: **Pagu** trouxe do Oriente para o Brasil as primeiras **mudas de soja** que, entregues ao então Ministro da Agricultura, **Fernando Costa**, se tornariam o principal produto do agronegócio brasileiro.

Em Paris, trabalha para o jornal **L'Avant-Garde**, além de filiar-se ao PC francês. Ferida e presa em várias manifestações, chega a ponto de quase ser deportada para a Alemanha nazista, sendo resgatada a tempo pelo embaixador brasileiro **Souza Dantas**.

48 De volta ao Brasil, é presa pelo **Levante Comunista** de 1936, sendo condenada a dois anos de prisão, no Rio. Foge do **Hospital Santa Cruz**, mas acaba presa novamente, condenada a mais dois anos. Na prisão, dedica-se à literatura, e trava contato com **Geraldo Ferraz**, com quem se casaria em 1940, ao ser libertada.

No ano seguinte, nasce o filho do casal, **Geraldo Galvão Ferraz**. A partir de 1942 escreve regularmente para os jornais **A Noite** (SP) e **A Manhã** e **O Jornal** (ambos no Rio), além de contos policiais para a revista **Detective**. Em 1945 começa a trabalhar para a agência de notícias **France-Presse**.

Publica ainda crônicas políticas e literárias no jornal **A Vanguarda Socialista**. Durante toda a década de 1940, milita ainda na Cultura, colaborando com veículos como **Diário de São Paulo**, **Jornal de São Paulo**, e no jornal **Fanfulla**. Até que, em 1952, ingressa na **Escola de Arte Dramática**, e começa sua atividade como autora e tradutora teatral.

Em 1954, já morando em **Santos**, começa a colaborar com o jornal **A Tribuna** (sob o pseudônimo de **Gim**) até que, em 1958, organiza o **I Festival de Teatro Amador de Santos**. Seu último texto, o poema "**Nothing**", é publicado em 1962 n'**A Tribuna**, pouco antes de seu falecimento, a 12 de dezembro.



Pagu, no traço de Dino, chargista de A Tribuna, em 1958.



Dois momentos na criação do FESTA, em 1958: a famosa reunião para a criação do festival, com Paschoal Carlos Magno (sentado de braços cruzados, ao centro); Pagu, no sofá, com roupa estampada, e os jovens militantes da cultura santista, Plínio Marcos (paletó e camisa preta, sentado no chão), e Maurice Legeard (de óculos, à direita). E, na foto abaixo, Plínio Marcos e Pagu (à direita) em mais uma reunião do movimento teatral de Santos.



Festival Santista de Teatro Amador

Em sua dedicação ao teatro e ao fomento de grupos amadores **Pagu** cria em 1958 o **Festival Santista de Teatro Amador (FESTA)**, hoje o mais antigo festival teatral em atividade no País.

A iniciativa de criação do **FESTA** contou com o apoio do Departamento Cultural do jornal **A Tribuna**, sob coordenação de **Luís F. Carranca**, além da **Comissão Estadual de Teatro** e da **Comissão Municipal de Cultura**, e vários ativistas culturais como **Maurice Legeard** (1925-1997), **Paschoal Carlos Magno** (1906-1980), **Plínio Marcos** (1935-1999) e **Wilson Geraldo**. Veja a seguir alguns registros da imprensa, naquele ano:

No dia 6 de novembro de 1958, **A Tribuna**, sob o título de **Inscrições para o Festival Regional de Teatro Amador**, noticiava:

51

“O Departamento Cultural de A TRIBUNA chama a atenção dos interessados em participar do Festival Regional de Teatro Amador que o prazo para a inscrição de grupos teatrais será encerrado na próxima segunda-feira. Transcrevemos, a seguir, trecho do Regulamento elaborado pela Comissão Organizadora do Festival, referente às inscrições:

Artigo 5º - As inscrições serão feitas através de ofício dirigido à Comissão Organizadora em entregue no Departamento Cultural de A TRIBUNA, até o dia 10 de novembro.

§ único – Anexos ao ofício devem constar:

- a) Nome da peça e autor (e tradutor, se fôr o caso);*
- b) Nome do diretor;*
- c) Nome dos técnicos;*

HOJE - 6 de Dezembro
INÍCIO DO
FESTIVAL
REGIONAL DO
TEATRO AMADOR



patrocínio do Dep. Cultural de A TRIBUNA,
da Comissão Municipal de Cultura e da
Comissão Estadual de Teatro

- d) Nome dos participantes;
- e) Nome do responsável pelo grupo;
- f) Local onde será realizado o espetáculo.

Solicita-se aos grupos ainda não inscritos imediata providência possibilitando à Comissão elaborar o programa das apresentações, no menor tempo possível."

Em 17 de novembro, A Tribuna convocava:

"Festival Regional de Teatro Amador

A Comissão Organizadora do Festival Regional de Teatro Amador promoverá, na próxima terça-feira, dia 18, às 20,30 horas, no auditório dêste jornal, importante reunião com os dirigentes e responsáveis pelos grupos amadores de Santos e do litoral, com vistas à elaboração do programa de espetáculos para o Festival. É solicitado, com empenho, o comparecimento de todos.

O prazo para o encerramento das inscrições foi transferido para o próximo dia 20 do corrente. É feito um apêlo para os grupos amadoristas, ainda não inscritos, que providenciem seus registros no Departamento Cultural de A TRIBUNA, no horário da 13 às 17 horas, com o Sr. Ivo Roma Nova."

53

E, em 6 de dezembro, acontecia a abertura do Festival:

"Festival Regional de Teatro Amador

'Menina Sem Nome', de Guilherme Figueiredo, hoje, pelo G.E.T.I.

Finalmente hoje será iniciado o Festival Regional de Teatro Amador do Litoral Paulista, certame patrocinado

pelo Departamento Cultural de A TRIBUNA e Comissão Municipal de Cultura, e que conta com os auspícios da Comissão Estadual de Teatro.

A primeira apresentação estará a cargo do Grupo Experimental de Teatro Infantil (G.E.T.I.), que encenará no Teatro do Círculo Operário de Santos às 21 horas, a peça em 2 atos de Guilherme Figueiredo, 'Menina Sem Nome'. Depois de amanhã, domingo, a A. A. Portuguesa, em sua sede no Estádio Ulrico Mursa, dará prosseguimento ao Festival apresentando a peça de Pedro Bloch, 'Irene'. As entradas gratuitas para esses espetáculos deverão ser procuradas com os componentes dos grupos amadores, na Biblioteca Municipal ou no balcão de A TRIBUNA. O Departamento Cultural de A TRIBUNA comunica às agremiações inscritas que os originais de suas peças já foram liberados pela Divisão de Diversões Públicas, podendo ser procurados com o assistente do Departamento, a partir de segunda-feira, depois das 13 horas."

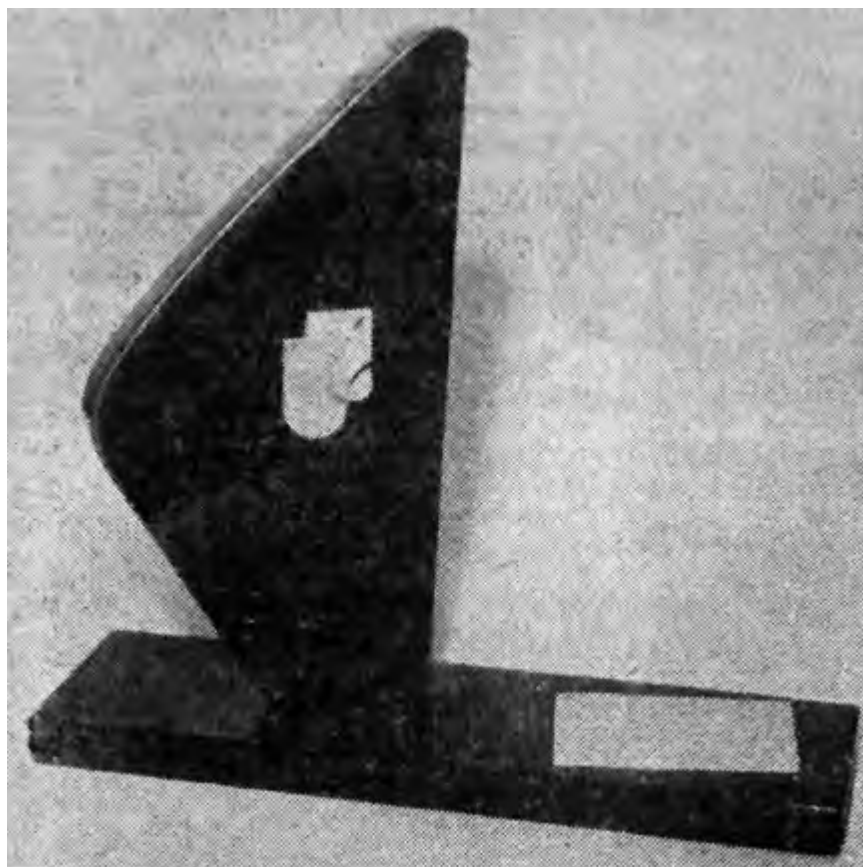
Em paralelo à realização do Festival, outra apresentação acontecia na cidade, disputando a atenção do público:

"O Centro de Expansão Cultural, encerrando com brilho as comemorações do seu décimo aniversário de proveitosas atividades, objetivando o progresso artístico de nossa cidade, apresentará no próximo dia 17, no Teatro Coliseu, o Teatro Cacilda Becker com "Péga Fogo", de Jules Renard, e "O Protocolo...", de Machado de Assis. O Teatro Cacilda Becker tem como diretores gerais a festejada artista titular e Walmor Chagas, outro bom ator, e como diretor artístico Ziembinski." (A Tribuna, 17/12/1958)



O espetáculo premiado nesta edição do **FESTA**, "**A Farsa dos Meninos Bonitos**", de **Evêncio Martins da Quinta Filho**, com o grupo **Os Independentes**, foi o escolhido pela comissão julgadora para representar o teatro amador de Santos, no **Festival Estadual de Teatro**, a se realizar em janeiro de 1959, em São Paulo.

A premiação desta primeira edição do Festival teve, como fato curioso, a presença (entre as menções honrosas outorgadas), do futuro dramaturgo **Plínio Marcos**, como ator do **GETI**, premiado pela interpretação de "**Bruxolino**", em "**A Menina Sem Nome**". O júri desta primeira edição era composto por **Patrícia Galvão**, **F.P. de Paula Lima** e **João Ernesto Coelho Neto**.



Um dos troféus entregues aos premiados do 1º FESTA, em 1958

Graças ao empenho de **Patrícia Galvão**, Santos acolheu com boa repercussão o **I Festival Regional de Teatro Amador** em 1958, e preparou-se o **II Festival Nacional de Teatro dos Estudantes**, no ano seguinte.

O intercâmbio de grupos artísticos da cidade com alunos de Norte a Sul do país, fez crescer a vontade de uma geração em manter viva a onda de festivais em Santos. Atenta, **Pagu** instou junto a atores e diretores teatrais a criação da **UTAS – União do Teatro Amador de Santos**, um espaço para discussões do segmento e, conseqüentemente, a organização do próprio festival regional. Para a segunda edição do **Festival Santista de Teatro Amador**, em 1959 – talvez a mais importante de sua história, no sentido de sedimentar a iniciativa -, foi anunciada a integração deste à segunda edição do **Festival Nacional do Teatro dos Estudantes**, promovido por Paschoal Carlos Magno.

57

Aberto no dia 25 de outubro de 1959, o **II Festival Regional de Teatro Amador de Santos e Litoral**, trazia forte presença de autores locais, tais como **Evêncio Martins da Quinta**, **Oscar Von Pfuhl**, **José Castellar**, **Enzo Poggiani**, e **Plínio Marcos de Barros**, que além de dirigir e atuar, também trazia a estreia de seu texto inédito "**Barrela**", no palco do **Centro Português**.

A imprensa manifestou-se assim:

"A peça que Santos irá conhecer gira em torno das paixões e sentimentos dos detentos de uma cadeia pública. O autor soube imprimir-lhe todo um caráter repleto de suspenses naturais, criados pelos diálogos, desenvolvidos em clima natural."

O que não se esperava era que o **Serviço de Censura** da **Delegacia de Diversões Públicas** fosse impugnar inteiramente a **"Barrela"**, que o **Teatro de Câmara de Santos** pretendia trazer ao palco. A interdição só foi contornada depois de reiterados protestos da classe artística da cidade, com a intervenção do censor **Cícero Mello Jr**, que liberou a apresentação com **censura para 18 anos**. Esta edição trouxe também a estreia mundial de **"Fando e Lis"**, do dramaturgo espanhol **Fernando Arrabal**, pelo **GETI – Grupo Experimental de Teatro Infantil** -, com direção de **Paulo Lara** e **Patrícia Galvão**.

Ao final da competição, **"Fando e Lis"** recebeu os prêmios de Melhor Espetáculo, Direção, Ator Coadjuvante e Cenografia, além de menções honrosas para Ator, Atriz e Figurinos, tornando-se o indicado regional para representar Santos no **II Festival Estadual de Teatro Amador**.

Outra marca da edição foi o começo da campanha pela construção do **Teatro Municipal de Santos** que, segundo a imprensa à época *"conta já com o decidido apoio do prefeito Silvio Fernandes Lopes e da Edilidade santista."*

Em 4 de outubro de 1960, a imprensa começa a tratar da terceira edição do **Festival Regional de Teatro Amador de Santos e Litoral**, com a agenda dos espetáculos que participarão, assim como a divulgação dos jurados da edição: **Ricardo Vaz Guimarães**, **Frederico Câmara Neiva**, **Cláudio Petrágli**, **Nélia Silva** e **Cecília Carneiro**. E, em 9 de Novembro de 1960, foram conhecidos os premiados do Festival, com destaque para **"Árvore Que Anda"**, de **Oscar von Pfuhl**, premiado como Melhor Espetáculo.

Coordenado por **Patrícia Galvão** em sua primeira fase (1958 a 60), o **FESTA** destaca-se no panorama teatral brasileiro, projetando nomes regionais como **Plínio Marcos**, os irmãos **Cláudio Mamberti** (1940-2001) e **Sérgio Mamberti** (1939), **Carlos Alberto Soffredini** (1939-2001) e **Jandira Martini** (1945), além de apresentar novas figuras de destaque como **José Celso Martinez Correa** (1937), **Etty Fraser** (1931-2018) e **Aracy Balabanian** (1940).

Com a morte da ativista em 1962, seus herdeiros logo reorganizaram o coletivo. *"Conseguí fundar a Federação Santista de Teatro Amador, em janeiro de 1964, e com muito custo fazer Oscar von Pfuhl aceitar a presidência"*, relatou **Greghi Filho** no livro **Memórias do Teatro de Santos**, de **Carmelinda Guimarães**.



Teatro Amador

50 Anos das Federações (1965 / 2015)

“Em 2015 completou cinquenta anos que foi criada a maioria das Federações de Teatro Amador do Estado de São Paulo. Entre elas a Federação Santista de Teatro Amador, fundada em 20 de março de 1965, em reunião realizada na antiga sede do Clube XV, localizada na Av. Presidente Wilson, esquina com R. Marcilio Dias.

Nessa reunião foram aprovados os estatutos sociais e eleita a primeira diretoria, presidida por Oscar von Pfuhl, ficando a vice presidência com Lamuel Camargo Martins, representante do Grupo de Teatro São José, de Cubatão. Os demais cargos ficaram com Sueli Campos (1ª Secretária), Ilza Novita (2ª Secretária), e Claudio Medeiros (1º Tesoureiro). Para a 2ª Tesouraria foi eleito Carlos Pinto e, como diretor geral, Emanuel Leon. Os cargos de relações públicas ficaram com José Gregghi Filho - que também dirigiu a reunião - e Jandira Lalia (Martini). Os componentes do conselho fiscal foram Oswaldo Martins, José Rodrigues e Ondina Rodrigues, e como suplentes os amadores Artur Palácios, Jensen Cavalcanti e Oswaldo Peres.

Em maio de 1968 em nova assembleia, ocorreram modificações estatutárias, além da eleição de nova diretoria, presidida por Carlos Pinto, e tendo Otavio Penteado como vice. Os demais componentes foram Jaelson Bitram (Secretário), José Marcelino Pinheiro (Tesoureiro), Pedro Dias da Silva (Diretor de Patrimônio), e Flavio José de Rezende (Relações Públicas).”

Carlos Pinto (jornalista 07/02/2015)

Com a criação da **Federação Santista de Teatro Amador**, os diferentes grupos da região logo se tornaram referência em todo o Estado.

O ator **Paulo Betti** descreve no livro **“Serragem nas Veias”** a sensação ao encarar os artistas da região: *“[Carlos Soffredini] era o diretor da turma de Santos, o pessoal mais moderno e desinibido [...], ruidosos, coloridos e confiantes”*.

Não à toa, o então dirigente da federação local, **Carlos Pinto**, presidiria a partir de 1968 a **Cotaesp – Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo**, e seguiria à sua frente por mais de uma década: *“Uma das primeiras etapas foi oficializar o Festival Estadual de Teatro Amador, com verbas do orçamento do Estado”*, acrescenta.

1966

Em 7 de Agosto de 1966, o jornal **A Tribuna** trazia esta matéria, que soa estranhamente familiar a ouvidos contemporâneos:

“Inscrições para as Eliminatórias do IV Festival de Teatro vão até Setembro

Foi definitivamente superado o impasse surgido com a mudança do governo estadual, quando da cassação do mandato e direitos políticos do Sr. Ademar de Barros. Durante algum tempo houve dúvida sobre se seriam mantidos os mesmos assessôres no plano cultural, e, ao mesmo tempo, se as verbas votadas seriam liberadas.

Por esta razão temeu-se a não realização do IV Festival Estadual de Teatro Amador, programado para o mês de setembro na cidade de São Carlos.

Agora, com a confirmação do Sr. Nagib Elchmer no cargo de presidente da Comissão Estadual de Teatro, e os entendimentos por ele mantidos com o secretário da Fazenda, prof. Delfim Neto, ficou positivada a realização do certame, o qual, porém, será levado a efeito em outubro, em São Carlos.

Inscrições

Dêse modo estão reabertas as inscrições para as eliminatórias regionais, cujo vencedor participará, como representante de sua região, do IV Festival Estadual. Em Santos, as eliminatórias regionais serão levadas a efeito em setembro, devendo os interessados dirigir-se, por carta, à Federação Santista de Teatro Amador, cujo presidente é o dr. Oscar Von Pfuhl. A carta deverá conter todos os dados referentes ao espetáculo, como nome da peça, autor, tradutor (se houver), diretor, elenco, pessoal técnico etc.

A Federação Santista de Teatro Amador receberá as inscrições até o dia 10 de setembro vindouro."

Ou seja, depois de um hiato de seis anos (1960/1966), quase não acontece a quarta edição do Festival Estadual, por questões políticas e, é claro, de verba. Quanto ao festival regional, passa neste ano a integrar o processo seletivo da competição estadual.

De 1966 a 1972, aconteceram da IV à X edições do **Festival Estadual de Teatro Amador**, sempre com a fase eliminatória regional sediada em Santos. Como se tratavam de fases eliminatórias, não era conferida nenhuma premiação individual, apenas a classificação para a competição estadual, para um ou dois grupos, dependendo do ano.

1970

Eliminatórias do VII Festival Estadual de Teatro Amador

Começam em 22 de agosto de 1970 as eliminatórias regionais do **VII Festival Estadual de Teatro Amador**, com a apresentação de "**A Paz**", de Aristófanes, pelo Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, no auditório da **Rádio Clube de Santos**.

Até o dia 30 do mesmo mês, são apresentadas mais cinco peças: "**Um Lobo na Cartola**", pelo Teatro Estudantil de Novos; "**Trompette**", pelo Grupo Teatral Perspectiva 70; "**Pedreira das Almas**", pelo TEN; "**O Traído Imaginário**", pelo Teatro do Clássico; e "**Romão e Julinha**", pelo Teatro do Colégio.

"**A Paz**", que abre a competição, já havia sido apresentada e premiada no **III Festival Nacional de Teatro Amador de São Carlos** recebendo os prêmios de Melhor Espetáculo, Direção, Figurino e Atriz Coadjuvante (para Lenimar Rios), e no **II Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto**, onde recebeu quatro Menções Honrosas e prêmios de Melhor Ator para Carlos Pinto e Adolfo Andrade. O espetáculo conta com direção, figurinos, cenários e coreografias de **Walter Rodrigues**.



1971

IX Festival Estadual de Teatro Amador

Numa promoção da **Confederação de Teatro Amador** e da **Federação Santista de Teatro Amador**, acontecem a partir de 15 de agosto a 9ª edição, no auditório da **Rádio Clube**, as eliminatórias regionais (que acontecem em cinco regiões do estado) da nona edição do festival estadual. A ordem de apresentação dos grupos é a seguinte:

Dia 15 – **TECO** (Teatro do Colégio) com **"Viagem ao Faz de Conta"**, e **TEV** (Teatro Estudantil de Vanguarda) com **"A Balada de Manhattan"**.

Dia 18 – **TEMO** (Teatro do Momento) com **"A Ponte"**

Dia 19 – **TEN** (Teatro Estudantil de Novos) com **"O Assalto"**



Dia 20 – **GATO** (Grupo Amador de Teatro Organizado) com outra encenação de *"A Ponte"*

Dia 21 – **TEVC** (Teatro Estudantil Vicente de Carvalho) com *"Prometeu Acorrentado"*

Dia 22 – **TEUS** (Teatro Experimental dos Universitários de Santos) com *"Um Lobo na Cartola"*, e **TEMA** (Teatro Estudantil Martim Afonso) com *"A Vida Atrás das Pálpebras"*, encerrando as eliminatórias.

1973

Em 1973, por *"total desinteresse das autoridades do setor de Cultura de Santos"* – nas palavras de **Carlos Pinto**, presidente da **Federação Santista de Teatro Amador** -, a fase eliminatória regional do **XI Festival Estadual de Teatro Amador** estava prevista para acontecer no **Guarujá**. Porém, um dia antes da abertura, as apresentações foram transferidas para o auditório da **Rádio Clube**, em **Santos** sem, contudo, nenhum esclarecimento do porque da alteração de espaço.

1974

Aberta na noite de 20 de agosto de 1974, a fase eliminatória regional do **XII Festival Estadual de Teatro Amador** acontece pela primeira vez no **Teatro Municipal de Santos**, com seis grupos da região, dos quais dois serão escolhidos para a semifinal, em setembro. Acontecendo em 15 cidades do Estado, o festival terá semifinais em Santos, São Carlos e São José do Rio Preto, com a final acontecendo em Rio Claro.

1975

Nas eliminatórias regionais para o **XIII Festival Estadual de Teatro Amador**, em 1975, as apresentações voltam a acontecer no auditório da **Rádio Clube**, com uma quantidade muito maior de grupos inscritos que nos anos anteriores. A média de seis a oito grupos concorrentes, que vinha se mantendo nos últimos anos, atingiu em 1975 a quantidade de 18 inscrições.

Neste ano, dentro da programação do festival regional, acontece também a apresentação do espetáculo *"Lampião no Inferno"*, musical de **Jairo Alves** baseado na literatura de cordel, em direção de **Luiz Mendonça**, e nove atores liderados por **Tânia Alves**, cuja temporada recém-encerrara em São Paulo.

Simultaneamente ao festival, acontece a **II Mostra Tacap 75 – Teatro com as Artes Plásticas** – com a participação de 10 artistas plásticos da região, todos com fortes ligações com o teatro. São eles: **Alberto Ponce**, **Alfredo Paulo Neto**, **Ana Margarida**, **Anna Mantovani**, **Gilson de Mello Barros**, **José Carlos Serroni**, **José Roberto Arduin**, **Luiz Monforte** e **Terezinha Tadeu**.

Num ano de resultados muito polêmicos – os espetáculos apresentados foram considerados muito primários, no geral – duas peças dirigidas por **Wilson Geraldo**, *"As Moças"* de **Maria Isabel Câmara**, e *"A Mais Forte"* de **August Strindberg**, foram as selecionadas locais para a fase semifinal do **XIII Festival Estadual de Teatro Amador**, que acontecerá em Santos.

XIII Festival Estadual de Teatro Amador

Eliminatórias Regionais da Baixada Santista

Patrocínio do Governo do Estado;
Secr. de Cultura, Ciência e Tecnologia;
Conselho Estadual de Cultura.

Colaboração Secr. de Turismo, Cultura e
Esportes da Prefeit. Municipal de Santos

Supervisão da Confederação de Teatro
Amador do Estado de S. Paulo - Cotaesp

Organização da Federação Santista de
Teatro Amador - Festa



DE 16 a 31 DE AGOSTO DE 1975 - TEATRO DA RÁDIO CLUBE DE SANTOS

1976

Integrantes do *Teatro de Pesquisas – TEP*, contam de suas experiências na participação no *4º Festival Internacional Cervantino*, em Guanajuato, no México.

Muito bem recebido pelo público e pela crítica local, apesar das dificuldades do espetáculo em ser "*num diferente idioma, teatro de absurdo e teatro de pesquisa*", além da pouca idade dos componentes do grupo, "*O Gran-Vizir*", de René Obaldia, com direção de Marco Antonio Rodrigues, acabou sendo escolhido como o segundo melhor na preferência do público (o festival não outorgava prêmios). Nancy Alonso – presidente do TEP – e Marco Antonio reiteram a dificuldade que foi enviar o espetáculo ao festival, mas também se entusiasmam com a calorosa receptividade do povo mexicano.

69

XIV Festival Estadual de Teatro Amador

Com eliminatórias acontecendo por todo o Estado, a 14ª edição do festival estadual chega a Santos de 25 a 30 de agosto. Neste ano, 129 espetáculos de 41 municípios estarão concorrendo em eliminatórias que acontecem em Lorena, Botucatu, São Carlos, Bauru, Barretos, Marília, Rio Claro, Araçatuba, Presidente Prudente, Franca, Santo André, Sorocaba, Santos e São José do Rio Preto, além da Capital.

1977

Nos 13 anos de existência da **Federação Santista de Teatro Amador – FESTA** -, o número de grupos amadores cresceu para **16 grupos** em Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá e Itanhaém. A Federação foi criada em 1964, tendo sido presidida por **Oscar Von Pfhull, Carlos Pinto, Marco Antonio Rodrigues** e, novamente por **Carlos Pinto**. Segundo este, foi no período de existência da **FESTA** que a cidade começou a se destacar no teatro amador. Basta conferir a quantidade de prêmios recebidos no período.

Para **1977**, a intenção era receber um curso de **Administração Teatral**, promovido pela **Confederação Nacional de Teatro Amador**, assim como também promover em Santos, as eliminatórias e a final do **XV Festival Estadual de Teatro Amador**.

Meses depois (em julho de 1977, mais exatamente), em matéria da **Folha de S.Paulo**, o presidente da **Cotaesp – Confederação Estadual de Teatro Amador** -, **Carlos Pinto**, é apontado como responsável pela quase inexpressividade do teatro amador em todo o Estado, em comparação com 10 anos antes. Sua fama de centralizador se estende de resoluções a correspondências internas entre as Federações do Estado, às quais ele não se esquivava completamente. Mesmo assim, entre desafetos e questões político-pessoais, tem início a **02 de agosto de 1977** em **Bauru**, o **XV Festival Estadual de Teatro Amador**, cuja final se realizará em Santos, com 340 grupos inscritos.

1978

Apesar de, no ano anterior, a cidade de Santos haver sediado a final do **Festival Nacional de Teatro Amador**, este ano a eliminatória do XVI Festival é composta por extensa atividade paralela e **apenas dois grupos competindo**. Segundo o diretor **Wilson Geraldo** houve um esvaziamento do movimento teatral amador na cidade e, para os dirigentes da **Federação Santista – Carlos Roberto Paiva e Guilherme Cruz Costa** -, o que houve foi um desinteresse por parte dos grupos pelo festival em si.

Segundo **Wilson Geraldo**, *“Em relação aos nossos grupos, não podemos falar em crise ou queda de atividades. Mas em relação ao movimento de teatro amador santista, podemos afirmar que não está em sua melhor fase.”* Ele explica porque os grupos não participaram este ano do Festival: *“Todos os grupos estão reunidos num núcleo. Resolvemos, este ano, parar um pouco para pensar, procurando encontrar caminhos para o futuro.”* Entre as atividades que os grupos desenvolveram no período, está um ciclo de debates com convidados de diversas áreas, numa espécie de reciclagem de conteúdo.

Wilson Geraldo aponta ainda dois grandes motivos para as mudanças das atividades dos grupos: a mudança recente na diretoria da **Federação Santista de Teatro Amador** – a nova diretoria não teve ainda tempo de se articular -, e a falta de um local para ensaios e reuniões, com os grupos dependendo da boa vontade de entidades que emprestem suas instalações.

E, pior ainda, mesmo que as montagens cheguem a termo, não há onde exibi-las. O teatro hoje (1978) em Santos, se

resume ao salão do **Sindicato dos Metalúrgicos**, pois os grupos não poderiam arcar com o aluguel de cinemas como o **Independência**, o **Caiçara** ou o **Iporanga**.

A dúvida seguia pela utilização que seria dada ao **Centro de Cultura** (Patrícia Galvão) quando de sua entrega à população. *"Sempre é bom lembrar que o movimento de teatro amador contribuiu muito para a construção do Centro de Cultura... Se a Sectur e a Prefeitura abrissem o Centro de Cultura aos grupos amadores, isso sem dúvida ajudaria muito."*

Em 1978, com apenas dois grupos participando, a programação paralela e uma mostra de cinema brasileiro reforçaram a programação. Aconteceu ainda, no festival, a apresentação de *"Caixa de Sombras"*, de Michael Christofer, dirigida por Emilio di Biasi, com Lilian Lemmertz, Edney Giovenazzi, Yolanda Cardoso, Henriqueta Briebe, Antonio Petrin, Sônia Guedes, Flávio Guarnieri, Roberto Lopes e João Signorelli.

A partir dos anos 1980 – mais especificamente em agosto de 1980 – a **Delegacia Regional da Secretaria Estadual de Cultura**, sob o delegado Sérgio Freire Pinto, cede algumas salas do prédio da **Cadeia Velha e Casa de Câmara** para atividades culturais, e o panorama artístico da região começa a se alterar.

1981

A Prefeitura abandonou o teatro amador

(jornal *Cidade de Santos* 11-04-1981)

As dificuldades financeiras que os grupos amadores enfrentam

no período – apesar da tradição na formação de grandes talentos, como **Ney Latorraca** e **Bete Mendes** – refletem-se na falta de qualquer recurso dedicado a eles pela **Prefeitura Municipal**. Nas palavras de **Nancy Alonso**, presidente do grupo **Teatro Estudantil de Pesquisa**, a Prefeitura não repassa nenhuma verba ao grupo desde o ano anterior, apesar de toda a (extensa) documentação haver sido providenciada e entregue junto com a solicitação do grupo, dentro do prazo previsto em lei.

Nancy salienta que toda a burocracia envolvida desestimula os grupos a requererem o auxílio que, ao final das contas revela-se uma **quantia irrisória** (algo em torno de 60.000 cruzeiros, ou R\$ 6.500,00 em valores atualizados), que ainda deve reservar um sexto para a **Federação**, e dividir o restante entre todas as entidades que solicitarem o auxílio. Quando é liberado.

1982

Teatro Amador, de novo

(jornal *A Tribuna* 06-07-1982)

"Incentivar as pessoas que fizeram um bom teatro amador, para que retornem a esta atividade, é um dos objetivos de Nélia Silva, responsável pelo setor de Teatro do Departamento Cultural do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos – CCBEU. Para isso, Nélia tem o apoio de Paulo Augusto Bueno Wolf, coordenador cultural do CCBEU... Ele dedicou-se ao teatro amador em São Paulo, nas décadas de 50 e 60, participando do grupo de teatro de Lotte Sievers, e mantendo contato com Ruy Affonso, Felipe Wagner, Ítalo Rossi, Antunes Filho, Nydia Licia e Benjamin Cattán, entre outros."

Segundo Nélia: *"O movimento de teatro amador em Santos, nas décadas de 50 e 60, reuniu muitos nomes. O interesse pela montagem de autores brasileiros e estrangeiros envolvia Evêncio da Quinta, Cida Celestino, Wilson dos Santos, Walter Rodrigues, José Gregghi Filho, Luiz Freire, Nélío Mendes, Thanah Correa, Carlos Alberto Soffredini, Plínio Marcos, Emílio Fontana, Carlos Paiva e Paulo Malegni, entre outros. A atividade de Patrícia Galvão foi um capítulo à parte, com destaque para o incentivo que ela deu a todos que faziam teatro amador. Assisti à montagem de 'Fando e Lis', de Arrabal. O texto tinha sido traduzido pela Patrícia. Era enriquecedor frequentar a casa dela e do Geraldo Ferraz. Na montagem de 'Fando e Lis', o Gregghi Filho revelou-se como ator."*

74 Oriunda da montagem de *"Fora da Barra"*, de **Sutton Vane**, pelo **Clube de Arte**, Nélia lembra que *"já havia um movimento teatral no Clube Português – com Antonio Farocco -, no Círculo Operário de Santos, no Clube Atlético Santista e no Círculo Operário do Embaré. O Antonio Farocco tinha várias funções: era ator, cenógrafo, colaborava demais. Ele montou 'Cenas de Família' no Centro Português, a mesma peça que faria sucesso anos mais tarde no Teatro Oficina, com o nome de 'Pequenos Burgueses'. Era o texto de Gorki."*

Depois disso, **Emílio Fontana**, recém-formado pela Escola de Arte Dramática, veio para Santos para ministrar um curso de teatro, e Nélia o considera o responsável pela solidificação do teatro amador em Santos. Um dos espetáculos montados pelo **Clube de Arte** à época foi *"Queixa contra o Desconhecido"*, de **George Neveux**, que rendeu a Nélia o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no **III Festival Paulista de Teatro Amador**.

Nélia relembra ainda outras atividades que marcaram o teatro amador em Santos, como um curso ministrado em 1968 por **Ziembinsky** ou, já nos anos 1970, os cursos com **Ademar Guerra**, **Mylène Pacheco** e **Sérgio Rovito**, iniciativas da Comissão Municipal de Cultura, assim como o trabalho desenvolvido pelos atuantes **Belarmino Franco** e **Carlos Pinto**.

Um **texto fundamental** para a compreensão da história do **Teatro em Santos**, a partir dos anos 1960, da autoria de **Roberto Peres**, merece reprodução:

Você lembra deste Teatro Amador?

(Cidade de Santos 06-07-1982)

"Fernand Arrabal 'pisou' num palco brasileiro pela primeira vez, exatamente em Santos, levado por dois amadores, Paulo Lara e Patrícia Galvão que encenaram 'Fando e Lis', em 1959. Dez anos depois, Arrabal voltava à cena numa visão explosiva de outro diretor amador, Nélío Mendes, que utilizou pela primeira vez todos os diálogos em 'off' (gravação), um recurso que depois seria adotado pela 'vanguarda' profissional. Alguns anos mais, 1972, ainda sob a demolidora ação da censura, os amadores burlavam as negativas e levavam para o palco o mesmo 'Z' que permanecia proibido no filme de Costa Gravas, com 'O Preço da Revolta no Mercado Negro', de Dimitris Dimitriades.

Um tempo rico e agitado em termos de Teatro, quando Santos conseguiu respeito e fama de produzir o melhor teatro amador do país, além de manter o melhor movimento, com mais de uma dezena de grupos com atuação constante.

Para Nélia Silva, um marco inicial nesta trajetória está em Evaristo Ribeiro, que em 1965 dirigia um grupo amador

na montagem de 'Fora da Barra', um tempo que contava com o Clube de Arte, onde muitos se reuniam para fazer teatro, embriões para um movimento que se tornaria rico com a participação de nomes como Mylène Pacheco, Oscar e Gilberta Von Pfuhl e Patrícia Galvão.

O Centro dos Estudantes, que pertencia aos estudantes realmente, e mantinha um grupo liderado por Oswaldo Leituga, que dirigiu a primeira peça de Plínio Marcos, 'Barrela', que a censura impediu de estreiar também em 1959, ao lado de Arrabal, no Festival Nacional de Estudantes, que Pachal Carlos Magno promoveu aqui.

76 A partir daí, as coisas iam num crescendo, com a atividade de elementos como Gregghi Filho, Fernando Fortes, Paulo Lara e nos anos sessenta atingiria seu apogeu, quando os amadores tinham a consciência de que deveriam ousar tanto na forma, quanto nos autores que escolhiam para encenar. Assim, Evêncio da Quinta dirigia 'Época dos Inocentes', com Paulo Lara, Jonas Mello, e depois 'Os Físicos', de Friedrich Dürrenmatt.

O Teffi – Teatro Escola da Faculdade de Filosofia – escolhia 'A Falecida' de Nelson Rodrigues, e convidava um diretor iniciante, Celso Nunes, para dirigir Ney Latorraca, Jandira Martini, Eliana Rocha, em 1966, ano em que Paulo Jordão, com o grupo Os Independentes, montava 'Os Grandes Momentos de Gil Vicente'.

Dois anos depois, a censura proibia o TEVC, que havia retomado suas atividades, de estreiar 'A Invasão', de Dias Gomes, quando o espetáculo já estava pronto, com direção de Afonso Gentil, cenários de José de Anchieta e música de Murilo Alvarenga. Mas neste mesmo ano Nélcio Mendes, junto com o visual de Ademir Fontana, mostrava uma discutida visão de 'Sonhos de uma Noite de Verão', de William Shakespeare.

Estava detonado um movimento que iria motivar o aparecimento, em 1969, de nada menos do que seis espetáculos de alto nível – 'Beijo no Asfalto', de Nelson Rodrigues, com o TEVC; 'Electra', de Sófocles, uma requintada visão plástica da tragédia, com o elenco do Teatro do Colégio; 'Pic-nic no Front', de Fernand Arrabal, onde Nélcio Mendes utilizou vozes em 'off' e encerrou o espetáculo com uma escola de samba, com o visual de Ademir Fontana onde os figurinos utilizavam desde papel tingido até penicos a título de capacetes. Ilza Novita dirigia 'Vocês Querem Representar Comigo?', texto de Marcel Achard... O Teffi resurgia com 'O Unicórnio de Vidro (À Margem da Vida)', de Tennessee Williams, com direção de Luiz Freire. 'A Paz', de Aristófanes, com direção de Walter Rodrigues, para o TEVC; 'O Traído Imaginário', de Molière, com direção de Nélcio Mendes para o Tecla – Teatro do Clássico, onde até o Batman surgia em cena; e 'Pedreira das Almas', de Jorge Andrade, direção de Wilson dos Santos para o Teatro Estudantil de Novos, foram os espetáculos de 1971.

No ano seguinte, Carlos Alberto Soffredini voltaria a dirigir uma belíssima visão de 'Prometeu Acorrentado', de Ésquilo, tempo em que Wilson dos Santos dirigia 'A Balada de Manhattan', de Leo Gilson Ribeiro. Espetáculos estes que surgem como pontos altos dentro de um movimento que permaneceu sempre intenso, oferecendo propostas cênicas e um verdadeiro laboratório para autores. Assim, Jorge Andrade veria o seu texto 'As Confrarias', pela primeira vez no palco, em 1972, numa direção de Wilson dos Santos. Neste mesmo ano, Walter Rodrigues dirigia um polêmico espetáculo, uma adaptação de 'Z' de Vassili Vassilikis, feita por Dimitris Dimitriadis, num tempo em que a censura retinha o filme de Costa Gravas para o Brasil.



O Preço da Revolta



Martins Pena numa visão do diretor Nélío Mendes



As Confrarias



Os Grandes Momentos de Gil Vicente



A Balada de Manhattan



Prometeu Acorrentado



A Paz, de Aristófanes, em 1970, pelo TEVC



Os Físicos



O Beijo no Asfalto



Eléctra, de Sófocles, direção de Soffredini



Se Chovesse Vocês Estragavam Todos



Panorama Vista da Ponte, de Arthur Miller

O público, na maior parte das vezes, correspondeu ao trabalho dos amadores, embora ainda tenha ficado a dever muito a esses atores, diretores, cenógrafos, figurinistas, que tinham a separá-los dos profissionais apenas o fato de não receberem cachês ou salários por suas performances. E, exatamente por isso, podiam se dar a liberdade de escolha dos autores, sem olhar para bilheterias, e ainda ousar cenicamente em suas concepções, funcionando como um laboratório de expressão dramática, que muitas vezes foi alimentar o profissionalismo.

Assim, dois autores jovens, Clóvis Levy e Tânina Pacheco, puderam ver em 76, seu trabalho 'Se Chovesse Vocês Estragavam Todos' em cena, ainda que o texto estivesse proibido no Rio de Janeiro. E a montagem de Wilson dos Santos acabou recebendo o mesmo espaço e elogios que a crítica paulistana dedica aos profissionais.

80 Entretanto, todo este movimento acabaria se esvaziando, os grupos praticamente desaparecendo. Em 1977 o TEVC ainda voltaria à cena para mostrar uma bela montagem de 'Panorama Visto da Ponte', de Arthur Miller, direção de Walter Rodrigues, mas também acabaria fechando suas portas. E com esse esvaziar, quem perdia mesmo era nossa Cultura e, conseqüentemente o público, principalmente as gerações mais novas, que ficaram fora de um movimento rico, onde o ato de pensar e o de informar estavam presentes na formação do indivíduo."

1983

Neste mês a teoria, e depois a prática

(Cidade de Santos 10-07-1983)

Com início programado para este mês (julho 1983), uma **Oficina**

de Artes Cênicas, a se realizar na **Cadeia Velha**, reúne ativistas do teatro em Santos, numa mesa de conversa com **Roberto Peres**, sobre a situação teatral na cidade.

Para **Wilson Geraldo** (ator, diretor e iluminador), é necessária a criação de "uma consciência do que é uma carreira de teatro", o objetivo desta oficina. Quanto ao esvaziamento do Teatro Amador em Santos – que, nos anos 1960, teve intenso movimento na área – se deveu, segundo **Nélio Mendes** (ator, diretor) ao fato de que as pessoas que se dedicavam ao teatro na época "foram à vida, batalhar o sustento, não dava mais para ficar assim...". Para **Nancy Alonso** (atriz, diretora), a questão passa pela falta de "comprometimento com o que você faz e também a falta de paixão pelo que está fazendo". Já **Walter Rodrigues** (ator, diretor, cenógrafo e figurinista) acha que o esvaziamento do teatro amador tem certa parcela de culpa destes mesmos ativistas, que não "formaram pessoas que ficassem depois deles... Nosso trabalho deveria ter resultado em novas pessoas para uma continuidade."

81

Tanah Correa relembra também que foi na **Rádio Clube** que seus aprendizados foram forjados, acompanhando companhias profissionais que passavam pela cidade, e auxiliando na montagem de cenários ou luz, numa sala (à época já transformada em cinema) que era meio que a casa de todos eles. E unanimemente eles concordam que faz falta este tipo de local, afinal "teatro se ensina no palco".

Enquanto **Francisco de Andrade Neto** (presidente da **Federação de Teatro Amador da Baixada Santista**) aponta o "aparelhamento político das federações" como a causa do



Nancy Alonso

Tanah Correa



Walter Rodrigues

Wilson Geraldo

Carlos Pinto

82

esvaziamento do Movimento Teatral no período, Nancy, Wilson Geraldo e Nélío protestam, afirmando que apesar de o “fazer *teatral*” ser um ato político em si, a causa político-partidária não deve afetar a produção.

Quando **Tanah Correa** lembra que a falta de subsídios também enfraquece a cadeia produtiva, **Nélío Mendes** acrescenta que o crescente número de assentos vazios nos teatros se deve ao fato de que poucas pessoas hoje “*têm 2.000 cruzeiros para pagar um ingresso de teatro.*” Neste contexto, a falta da estrutura dos grupos – como o **TEVEC**, por exemplo – também foi determinante para o esvaziamento da produção, segundo **Walter Rodrigues**. Estrutura esta que a oficina a se realizar pretende suprir, segundo **Tanah**. Confira abaixo o programa oficial da Oficina.

“A Oficina de Artes Cênicas, na Casa de Cultura, sede da Delegacia Regional de Cultura, tem como objetivo a formação de elementos – de atores, diretores a técnicos e administradores – para o teatro, e está aberta a todos os interessados (com ou

sem experiência anterior), e seu início, às 19h30 de amanhã, é com a projeção de um vídeo sobre a Memória do Teatro Santista, primeiro passo para o registro da história da cultura na Baixada. Na terça-feira começam os encontros teóricos, que

- História do Teatro, por Belarmino Franco
- Dramaturgia, por Neyde Veneziano
- Administração Teatral e Cenografia, por Carlos Pinto
- Produção Teatral e Análise de Texto, por Tanah Correa
- Iluminação e Maquinaria, por Luiz Carlos Módica
- Sonoplastia, por Jairo Leão
- Programação Visual, por Alfredo Paulo Neto
- Cenotécnica, por Paulo Antunes
- Dicção, por Ângelo Bonicelli
- Figurinos e Direção, por Walter Rodrigues
- Coreografia e Expressão Corporal, por Nelsina Franco
- Interpretação, por Wilson Geraldo
- Filosofia de uma Montagem, por Nélío Mendes

83

FESTA RETOMADA 1987

1987

Teatro amador em evidência com a realização de festival

"O I Festival Santista de Teatro Amador é inaugurado hoje abrindo assim um novo espaço para essa importante manifestação da arte da Cidade"

(jornal A Tribuna 04-09-1987)

Com a apresentação de **"Morte de um Zé Ninguém"**, de Douglas Martins de Souza, pelo grupo **Temetal**, abriu neste dia programação do **I Festival Santista de Teatro Amador - FESTA**, após um hiato de mais de duas décadas. Com a presença de **Naira Alonso** na presidência da **Federação Santista de Teatro Amador**, os grupos que a compõem propuseram à Secult a realização deste **I FESTA**, que homenageou seu patrono, **Newton de Souza Telles**, e seu presidente de honra, **Oscar Von Pfuhl**. Na comissão julgadora, **Carmelinda Guimarães** (crítica teatral), **Wilson Geraldo**, **Walter Rodrigues** e **Paulo Lara** (diretores), e **Clóvis Garcia** (professor e crítico teatral).

85

"Teatro Amador em Ascensão

O teatro amador de Santos, que passou por larga fase de silêncio, está novamente forte, criativo como na década de 60, quando Paulo Lara encenava 'Fando e Lis', mostrando Arrabal pela primeira vez no Brasil, ou o Grupo Independentes revelava o dramaturgo Evêncio da Quinta e bons atores, ou o Teffi, de saudosa memória, fazia encenações memoráveis e era celeiro de onde saíram Ney Latorraca, Jandira Martini, Carlos Alberto Soffredini. Neste período os grupos amadores de Santos eram os concorrentes mais fortes nos festivais de teatro amador, e seus grupos conhecidos em todo o Estado.

Passada a difícil década de 70, quando a repressão, a falta de liberdade de expressão e de uma política cultural adequada quase acabaram com o movimento de teatro amador, Santos ressurgiu novamente com um centro de bom teatro.

O resultado do 9º Festival de Teatro Amador de São José do Rio Preto é uma prova desta vitalidade. A realização de um Festival de Teatro Amador em Santos, em setembro, confirma o entusiasmo. O teatro amador está reaparecendo com muita intensidade.”

(Carmelinda Guimarães 09/08/1987)

1988

II Festival Santista de Teatro Amador

Na noite de 2 de setembro acontece a abertura da segunda edição do festival, com a apresentação – fora de competição – do espetáculo “**Revistando o Teatro de Revista**”, de **Neyde Veneziano** e **Perito Monteiro**, com o **Grupo Gextus** (que também se apresenta com “*Procurando Firme*”).

Nesta edição, previstas ainda as apresentações dos grupos **Uma Mão Com Mel** (“A Farsa de Yarin no Céu de Mandacaru” e “O Amargo Sabor da Maçã”), **Grupo Pessoal do Bailei** (“Uma Lição Longe Demais”), **Grupo Pernilongos Insolentes Pintam de Humor a Tragédia** (“A Idade do Sonho”), **Grupo Ogirofantas Arkeoléos** (“Murro em Ponta de Faca”), **Grupo Fita Crepe** (“Enquanto o Rei Joga Buraco”), **Grupo TVG – Teatro Vasco da Gama** (“Don Chicote Mula Manca”), **Grupo Carpintaria de Artes Cênicas** (“Fim de Estrada”), e o **Grupo Tecas** (“No Reino do Rei Malvadum”).

1989

Teatro apresenta seus planos

No dia 26 deste mês, a **Federação Santista de Teatro Amador – FESTA** encaminhou à prefeita **Telma de Souza** e ao Secretário de Cultura, **Reinaldo Martins**, um documento com projetos e reivindicações do movimento teatral por ocasião das **Brigadas Brancas** – as comemorações do **Sesquicentenário de Santos**.

O documento, citando a falta de apoio dos órgãos oficiais ao movimento como um todo, ou de uma política cultural para o setor, apresenta propostas concretas visando:

- Destinação de verba para a realização do **III Festival Santista de Teatro Amador**;
- Realização de oficinas de aprimoramento e reciclagem na área teatral;
- Apoio para que os vencedores do festival se apresentem pelo interior paulista;
- Reajuste de verbas destinadas à **FESTA** e aos grupos legalmente compostos;
- Que seja garantido acesso ao Centro de Cultura e ao Teatro Municipal;
- Propõe a realização do **I Seminário Santista de Teatro Amador**;
- Que a Prefeitura abra as escolas municipais nos finais de semana para programações que visem a formação de plateia;
- A reativação, em caráter de urgência, do Conselho Municipal de Cultura;
- E a criação da Fundação Cultural, visando a arrecadação de recursos financeiros junto à iniciativa privada. Ou seja, uma Lei de Fomento ao Teatro.

FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR
REGISTRO DE SÓCIO COLABORADOR INDIVIDUAL

N.º

foto

Nome: _____
Nome Artístico: _____
RG: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
CIC: _____
Grupo a qual pertence: _____
Tempo em que atua: _____
Atividades ou cargo: _____

Data do Registro: _____

FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR
REGISTRO DE FILIAÇÃO DE GRUPOS

N.º

Grupo: FAMÍLIA TEATRAL
CGC: _____ Data de Fundação: 07 / 03, 89
Local de Ensaio: ABB - Associação do Banco do Brasil
Endereço: Av. Ana Costa Fone: _____
Bairro: Conceição Cidade: Santos CEP: _____
N.º de Componentes: _____ Masculinos _____ Femininas
Responsável: Rosana Lobo RG: 18.902.051 CIC: _____
Cargo: Diretora Tempo: 4 anos
Endereço: R. Maria de Paula Rodrigues 142, 32B Fone: _____
Bairro: Vila Mathias Cidade: Santos CEP: _____

Data do Registro: _____ Presidente

CONTROLE DE CONTRIBUIÇÃO MENSAL

Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho
<u>15/01/93</u>	<u>12/02/93</u>	<u>10/03/93</u>	<u>10/04/93</u>	<u>12/05/93</u>	<u>1 / /</u>
Cr\$ <u>51.000,00</u>	Cr\$ <u>62.000,00</u>	Cr\$ <u>30.000,00</u>	Cr\$ <u>92.000,00</u>	Cr\$ <u>120.000,00</u>	Cr\$ _____
Ass. <u>[assinatura]</u>	Ass. <u>[assinatura]</u>	Ass. <u>[assinatura]</u>	Ass. <u>[assinatura]</u>	Ass. <u>[assinatura]</u>	Ass. _____
Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
<u>1 / /</u>	<u>1 / /</u>	<u>1 / /</u>	<u>1 / /</u>	<u>1 / /</u>	<u>1 / /</u>
Cr\$ _____	Cr\$ _____	Cr\$ _____	Cr\$ _____	Cr\$ _____	Cr\$ _____
Ass. _____	Ass. _____	Ass. _____	Ass. _____	Ass. _____	Ass. _____

Observações: _____

SECRETARIA DE CULTURA
FEDERAÇÃO SANTISTA
DE TEATRO AMADOR

5º FESTIVAL SANTISTA
DE TEATRO AMADOR
DE 31 DE AGOSTO A 10 DE SETEMBRO



PATRONOS:
ELISA CORREA e GREGH FILHO
TEATRO MUNICIPAL DE SANTOS • CONCHA ACÚSTICA



Eventualmente, a terceira edição do FESTA acabou por acontecer em setembro de 1989, com os espetáculos *"Henfil, a Relativa Revista"* (prêmios de Direção: Gilson de Mello Barros; Atriz Revelação: Kelly Alonso; Música Original: Julinho Bittencourt; e Figurinos: Mariângela Lessi), *"Absurda Noite dos Absurdos"* (prêmios de Ator: Walter Rodrigues; Atriz Coadjuvante: Filomena Porto; Iluminação: Jomário de Souza; e Cenografia: Márcio de Souza) e *"A Fofoca"* (prêmios de Trilha Sonora: Luiz Thomaz; e Atriz: Ana Paula Arcuri) como os três primeiros colocados.

O espetáculo *"Henfil, a Relativa Revista"* tornou-se o representante de Santos no *Festival Estadual de Teatro* da *Confenata – Confederação Nacional de Teatro Amador*.

1992

91

Começa o VI Festival Santista de Teatro Amador

"Como em 1922, hoje vivemos um período de efervescência cultural. O Teatro vive um momento em que as pessoas estão ousando montar Fassbinder, Shakespeare e outros 'monstros' da dramaturgia universal. E num momento de ousadia, é de Pagu que se lembra, porque foi considerada a primeira mulher de uma nova era, uma precursora da liberdade feminina".

(Antonio Carlos Dantas, presidente da Federação - DO Urgente)

A edição do **FESTA 1992** foi promovida pela **Secult** e pela **Federação Santista de Teatro Amador**, composta por uma mostra competitiva com 33 peças, uma mostra paralela de

Teatro, Vídeo e Cinema, e marcou a inauguração do *Teatro de Arena* no *Centro de Cultura Patrícia Galvão*, batizado de *Rosinha Mastrângelo*. A mostra competitiva ocupou o *Teatro Municipal* e o *Teatro de Arena*, com grupos de Registro, Mongaguá, Peruíbe, Mauá, São Vicente, Guarujá, Cubatão e Santos.

1993

A sétima edição do *FESTA* começa com 22 espetáculos. De 01 a 16 de setembro, nos *Teatros Municipal* e *Rosinha Mastrângelo*, a Mostra Regional, sem caráter competitivo, traz 19 grupos da *Baixada Santista*, São Paulo, Penápolis e Piracicaba. Na abertura, a *Trupe Performática Pagu* apresenta "*Filhos da Rua*", performance com fotos de *Biga Appes*, vídeos e slides, poesia de *Valdir Alvarenga* e rap dos meninos de rua do Gonzaga, compondo o espetáculo "*Carandiru x Haximu*". Na sequência, a interpretação da "*Fantasia Triunfal do Hino Nacional*", de *Louis M. Gottschalk*, por *João Luciano Salles do Nascimento*, e apresentação do coral *Vozes de Esperança*. Esta edição traz como patronos *Nancy Alonso* e *Tanah Corrêa*. O presidente da Federação é *Lourival C. Thomé*.

1994

"Sem apoio da Secult, VIII Festa corre o risco de não acontecer. Previsto para de 1º a 17 de setembro, este ano com a novidade de ter nível estadual. Os dirigentes da Federação – *Vall Carthom* e *Liliane São Paulo* – recordam a importância do teatro amador na cidade, em décadas passadas – de 1950 a 70 – quando Santos era um polo gerador de cultura.



FESTA - Federação Santista de Teatro Amador
• 30 ANOS • 1964 - 1994

VIII FESTA - NÍVEL ESTADUAL

*FICHA DE INSCRIÇÃO Nº 05
 *RECEBIDA EM: 30 / 04 / 94

* Para uso da Federação

*APRESENTAÇÃO
 DIA: 10 / 09 / 94 SAB
 HORÁRIO: 15:30hs
 LOCAL: T.M. Brás Cubas

GRUPO: <u>"UMA MAC COM MEL"</u>		<u>Santos</u>
ESPETÁCULO: <u>A Árvore que andava</u>		
AUTOR: <u>Oscar Von Pfuhl</u>		
CATEGORIA: <u>Infantil</u>		GÊNERO: _____
ELENCO POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA		
PERSONAGEM	ATOR/ATRIZ	
01. <u>Árvore</u>	<u>Simone Zúnega</u>	
02. <u>Nana</u>	<u>Karla Neves Lacerda</u>	
03. <u>Nono</u>	<u>Pedro Sérgio Norato</u>	
04. <u>Jaboti</u>	<u>Sandra Godinho</u>	
05. <u>Lenhador</u>	<u>Roberto Peijo</u>	
06. <u>Sol</u>	<u>Gildásio Jr</u>	
07. _____	_____	
08. _____	_____	
09. _____	_____	
10. _____	_____	
(Caso necessário continue em folha anexa)		
RESPONSÁVEL POR: DIREÇÃO: <u>Iracema Paula Ribeiro</u>		
CENOGRAFIA: <u>Sônia Arashiro</u>		
FIGURINOS: <u>Sônia Arashiro</u>		
SONOPLASTIA: <u>Fernando Pompeu, Moisés Barros e Paulo César</u>		
ILUMINAÇÃO: <u>Yara LO Martins</u>		
MAQUILAGEM: <u>Fernando Pompeu</u>		
ESPECIFICAR: O TEMPO NECESSÁRIO PARA MONTAGEM DE CENÁRIO E ILUMINAÇÃO: <u>3 horas</u>		
DURAÇÃO DO ESPETÁCULO: <u>1.10 horas</u>		



A dificuldade (nesta edição) seria hospedar os grupos de fora na cidade.”

(29 junho 1994 jornal A Tribuna)

São **21 grupos**, seis de Santos e os outros da Capital e interior.
Júri: **Roberto Peres, Gregghi Filho e Valter Rodrigues.**

“Os problemas foram inúmeros. No entanto, da mesma maneira que o teatro amador sobrevive e sempre sobreviverá, estamos aqui de cabeças erguidas e fiéis aos compromissos por nós assumidos diante dos grupos de teatro, técnicos, patrocinadores, classe, público em geral, imprensa e todos os envolvidos neste trabalho”.

(01 setembro 1994 jornal A Tribuna)

Em 1994 o **VIII FESTA** torna-se um evento estadual, vencido pelo grupo santista **Pernilongos Insolentes Pintam de Humor a Tragédia**, com o espetáculo **“A Maldição do Vale Negro”**, com direção de **Dagoberto Feliz**.

95

1995

No **IX FESTA**, o **Teatro Rosinha Mastrângelo** é ocupado para a realização de leitura dramática de **“Os Troncos Podres”**, de **Evêncio da Quinta** (o Zêgo, colunista de A Tribuna, falecido em 1991), escrito em 1960, quando ele colaborava com o grupo de teatro **Os Independentes**. O texto foi encenado em 1964, por **Silvio Roupa, Cida Celestino e Gregghi Filho**, os mesmos atores que realizam a leitura agora.



Leitura de "Os Troncos Podres", de Evêncio da Quinta, com Greghi Filho, Cida Celestino e Silvio Roupá.

f: A Tribuna



Priscila Florkactus
TEP (1996)

Neste mesmo ano, a luta do **Movimento Teatral**, junto com o festejado novo **Secretário de Cultura** da cidade, **Marco Antonio Rodrigues**, é pela reforma urgente do **Teatro Municipal**, em franca deteriorização.

O **Teatro Coliseu** aguarda seu restauro, e o **Guarany** segue sem resolução, com seu processo de tombamento da fachada, feito pelo Condephaat, indeferido pelo Supremo, pela falta de prosseguimento da ação pelo próprio Condephaat. Na batalha ao lado do novo secretário, a **nova diretoria da Federação Santista de Teatro Amador**: **Toninho Dantas**, **Márcio de Souza**, **Admir Ferreira**, **Angélica Magenta**, **Renato Belamin**, **André Leahun**, **Delma Lima** e **Beto Santos**.

1996

97

O **X Festa** foi aberto pelo prefeito **David Capistrano Filho**, na presença de grande público e da patronesse do festival, a atriz e cantora **Lolita Rodrigues**. Acontecendo de 3 a 15 de setembro, o festival reuniu quase 700 atores, com **22 espetáculos** na competição oficial e mais 26 paralelos, além de uma **mostra de cinema** que aconteceu no **Cine Arte Posto 4**.

Ainda durante os eventos do festival, foi entregue uma **placa em homenagem** à jornalista e ativista cultural **Patrícia Galvão**, na esplanada do **Teatro Municipal de Santos**, que fica justamente no complexo cultural que leva seu nome. A placa, descerrada pelo ator **Sérgio Mamberti** e pelo dramaturgo **Plínio Marcos**, tem uma inscrição de autoria de Plínio: "**Patrícia Galvão foi um anjo anarquista que veio ao mundo para nos inquietar.**"



Sérgio Mamberti e Plínio Marcos descerram placa em homenagem a Patrícia Galvão no Teatro Municipal de Santos (setembro 1996)

1997

No ano de 1997, o *Festival Santista de Teatro Amador – FESTA* retoma a contagem de anos a partir da edição original do evento, em 1958, o que transforma esta edição na 39ª (em sequência à 10ª, realizada em 1996). Outra novidade nesta edição é a transformação do Festival num evento metropolitano, com a presença de grupos do Litoral Sul do Estado. São cerca de 500 artistas em 43 espetáculos, além de eventos paralelos como exposições, oficinas e fórum. O Festival lança também, nesta edição, a campanha *Celebre a Vida, Santa Festa*, de celebração da vida e contra qualquer tipo de violência.

Homenageados do ano: Newton Telles e Maurice Légerard.
Instalações ocupadas: *Teatro Municipal, Rosinha Mastrângelo* e *Oficina Regional Cultural Pagu*.



Patronos: **Milton Teixeira** e **Carmelinda Guimarães** (teatro adulto); **Hamleto Rosato** e **Alayde Camargo**, a **Dindinha Sinhá** (teatro infantil).

1998

Num ano especialmente conturbado para a Cultura local, a prefeitura de Santos esteve à beira de **extinguir a Secretaria de Cultura**, no que só foi evitada pela mobilização da classe artística local, com o apoio da população e da Câmara de Vereadores, onde oposição e situação se manifestaram contra a iniciativa. A intenção era um corte de despesas, fundindo as secretarias de **Esportes, Turismo e Cultura** numa única pasta, como já acontecera por volta dos anos 1970. Confira nota do jornal:

100

Acordo Salva a Cultura

“As galerias pressionaram. Artistas ligados ao Teatro Amador montaram um circo na Câmara, protestando contra a extinção da Secretaria de Cultura. Ao final, prevaleceu o bom senso: governo e oposição negociaram, e preservaram a Secretaria Municipal de Cultura.”

(24-05-1998 Jornal da Orla)

1999

Festival Santista de Teatro Amador agita palcos da cidade a partir de hoje

“Começa hoje a 41ª edição do Festa,... que este estará também integrado às comemorações pelos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Até o dia 15, mais de 100 espetáculos serão mostrados em palcos, em caráter competitivo...”

A homenageada desta edição é Cacilda Becker, que em 1959 se apresentou no espetáculo ‘O Julgamento de Mary Stuart’ dentro do II Festival Nacional de Teatro do Estudante, em Santos.”

(01/09/1999 - DO Santos)

Patronos: **Nuno Leal Maia** e **Bete Mendes**.



Abertura do 40º FESTA (1998)

Toninho Dantas (presidente da Federação), Plínio Marcos e Lucimara Martins (patronos do Festival), Márcio de Souza (Delegado Regional de Cultura) e José Gondim (Secretário de Cultura de Santos).

Bete Mendes e Toninho Dantas em visita às obras de restauro do Teatro Coliseu (1999)

f. Herrera



f. Herrera



FESTA 41

Festival Santista de Teatro

Santos, Setembro de 1999



Realização



SANTOS

Prefeitura Municipal



2000

42º Festa será em setembro

"Acontece de 1º a 17 de setembro a 42ª edição do Festival Santista de Teatro Amador. Com mostras competitivas de caráter regional, nas categorias adulto, infantil e performance."

(21/06/2000 jornal A Tribuna)

Segundo o presidente da Federação, **Toninho Dantas**, o festival tem como objetivos:

"Estimular a produção teatral amadora, em nível regional; promover condições para que os novos atores pensem na qualidade do fazer artístico, evidenciando o processo criativo dos grupos; estabelecer maior integração cultural entre os municípios; interagir com outros segmentos culturais e sociais; valorizar a produção local nas artes cênicas; consolidar cada interferência cultural do Festa na Cidade e na região."

105

Acrescenta ainda outras razões para a pertinência do Festival:

"A necessidade de lutar contra a ausência de políticas culturais claras, concretas e duradouras no País; buscar aprovação de dotação orçamentária para os eventos culturais do calendário oficial de Santos; e lamentar a demora na implantação do Conselho Municipal de Cultura."

Curiosamente, em **12 de julho de 2000**, o **Diário Oficial de Santos** destacava a seguinte resolução:

"Atos Oficiais do Poder Executivo

Lei nº1885 de 11 de Julho de 2000

Dispõe sobre as Diretrizes Orçamentárias para o Exercício de 2001 e dá outras providências.

Beto Mansur, Prefeito Municipal de Santos, faço saber que a Câmara Municipal aprovou em sessão realizada em 21 de junho de 2000 e eu sanciono e promulgo a seguinte: ...

Art.33. São diretrizes da área da Cultura

... XXVII – Realização do Festival Santista de Teatro Amador

... LXIV – Realização do Festival Nacional de Teatro Amador

... LXXVI – Instituição do Prêmio Pagu, durante a realização do Festa, para os artistas que mais se destacaram na militância do teatro amador durante o ano."

Ou seja, os festivais existem por lei!

No ano da **42ª edição do FESTA**, cerca de 2000 pessoas estiveram envolvidas na produção do festival, com mais de 70 grupos se apresentando. Na abertura, a atriz **Bete Mendes** recebe os patronos desta edição, a atriz **Cleyde Yáconis** e o ator **Ney Latorraca**. Em noite de homenagem a **Plínio Marcos**, o festival recebe a presença de **Paulo Goulart**, **Nicette Bruno**, **Bárbara Bruno**, **Esther Góes**, **Umberto Magnani** e **Jonas Mello**, que deixam gravadas em cimento as marcas de suas mãos para a composição da **Calçada da Fama**, no entorno do **Teatro Coliseu**.

O festival contou ainda com uma série de apresentações especiais: **"O Homem do Caminho"**, com **Cláudio Mamberti** sob

direção de **Sérgio Mamberti**, e cenários e figurinos de **Gabriel Villela**; **"Navalha na Carne"**, pelo **Grupo Tapa**; **"O Prisioneiro de Uma Canção"**, com direção de **Leo Lama**; e da leitura dramática de **"O Abajur Lilás"**, com **Esther Góes**, entre outros. Acontecem ainda duas **exposições retrospectivas**, em homenagem a **Ney Latorraca** e **Regina Duarte**.



Na ocasião, o ator **Sérgio Mamberti** deu a seguinte declaração, impressionantemente atual: *"O Festival tem um papel irradiador e num momento de crise na cultura, como o que vivemos, o Estado tem que ter uma responsabilidade maior na construção de uma sociedade diferente, sem violência, sem desigualdades sociais. A cultura aproxima, civiliza e traz a mensagem da paz. A cultura faz sonhar e ajuda a tornar o sonho realidade."*

(07-09-2000 jornal A Tribuna)



2001

Na abertura do **43º FESTA**, a presidente da **Federação Santista de Teatro Amador**, Karla Lacerda, declarou que o festival daquele ano deveria ir além da competição e premiação:

"Estamos mais preocupados com o estudo e a melhoria da produção teatral. A relação humana e social também está sendo valorizada. Pensar na qualidade do fazer artístico, no processo criativo dos grupos, estabelecer maior integração cultural entre os municípios da região metropolitana e interagir com outros segmentos culturais e sociais estão entre os objetivos do evento."

109

Neste ano, o festival realizou uma pré-seleção de espetáculos, com vistas a garantir a qualidade das apresentações. A comissão responsável pela seleção foi composta por **Roberto Peres**, **Jorge Julião** e **Maria Yulma**.

Em **dezembro de 2001**, a cidade recebe a **28ª** edição do **FETAESP - Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo** -, com grupos de todo o Estado, na entrega do **Prêmio Plínio Marcos** aos mais destacados, assim como também a **31ª** edição do **Congresso de Teatro Amador do Estado de São Paulo**, com participação de cinco membros de cada uma das Federações do Estado de São Paulo.

O ator Serafim Gonzalez (2001)



f: Francisco Arrais • FAMS

O diretor Tanáh Correa (2001)



f: Francisco Arrais • FAMS

44° FESTA

Festival Santista de Teatro Amador



1 a 19 de setembro de 2002
80 anos da Semana de Arte Moderna
Anno 448 da Deglutição do Bispo Sardinha

29° FETAESP

Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo



1 a 22 de setembro de 2002
80 anos da Semana de Arte Moderna
Anno 448 da Deglutição do Bispo Sardinha



Prêmio Plínio Marcos



Dezembro
Santos - SP 2001

28° FETAESP

31° Congresso de Teatro Amador do Estado de São Paulo



2002

44º FESTA e 29º FETAESP

De 1º a 22 de setembro de 2002 aconteceram em Santos, simultaneamente, a 44ª edição do **FESTA – Festival Santista de Teatro Amador** – e a 29ª edição do **FETAESP – Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo** -, promovendo o intercâmbio e a integração de artistas amadores filiados às federações municipais e regionais de São Paulo.

Ao **FETAESP** comparecem mais de 30 espetáculos premiados em todo o Estado, e ao **FESTA**, mais de 40 grupos da região e do Vale do Ribeira. Na abertura do **FESTA**, homenagem aos atores santistas **Serafim Gonzalez**, **Bete Mendes** e **Jandira Martini**. Durante o festival, foi realizada **mesa redonda** com profissionais da área cultural, discutindo o tema da **profissionalização**, na cidade de Santos. Para tanto, foram recebidos o ator **Mário Rosário**, a atriz **Renata Zanetta**, o diretor **Marco Antonio Rodrigues** (ex-secretário de Cultura de Santos), a dramaturga e atriz **Analy Alvarez**, e a atriz e diretora **Orleyd Faya**, além de depoimentos dos atores **Hélio Cícero** e **Sérgio Mamberti**.

115

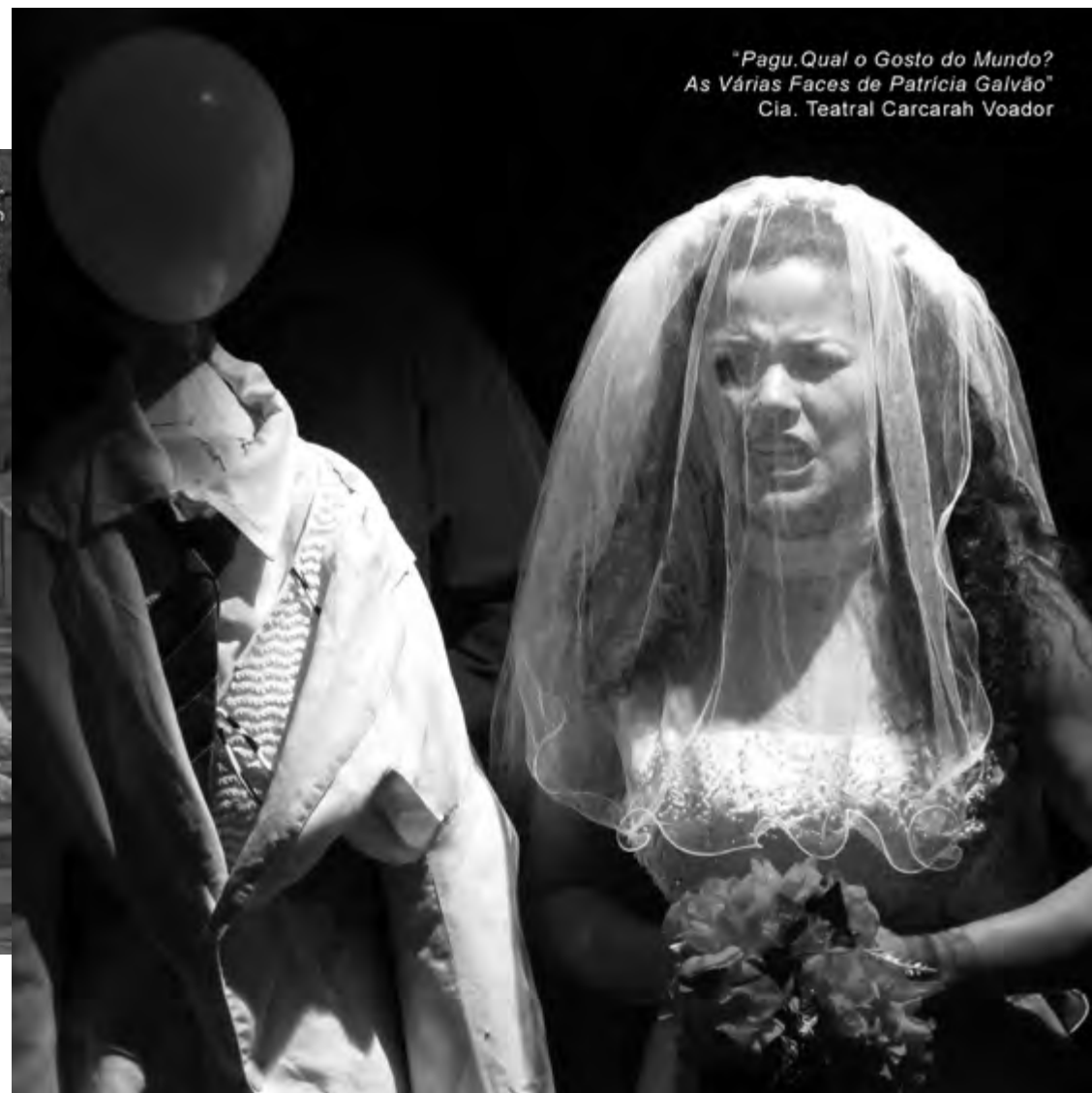
2003

O 45º **FESTA** contou com a presença do ator e diretor **Francisco Milani** que agitou a plateia presente ao bate-papo sobre “**O Papel do Ator na Sociedade**”. A **Mostra Competitiva** estendeu-se a cinco equipamentos da cidade como o **Teatro Rosinha Mastrângelo**, a **Cadeia Velha**, o **Teatro Municipal**, o **Teatro dos Metalúrgicos** e o **Teatro do Sesi**.



"Rodrigueanas"

f. Divulgação



"Pagu. Qual o Gosto do Mundo?
As Várias Faces de Patrícia Galvão"
Cia. Teatral Carcarah Voador

2004

O **46º FESTA**, previsto para **setembro de 2004**, em julho daquele ano sequer apresentava indícios de realmente vir a acontecer.

Isto porque a verba municipal até então não havia sido liberada, segundo o Secretário de Cultura **Carlos Pinto**, que se encontrava em tratativas com o prefeito, **Beto Mansur**, para a liberação de valor ainda indefinido.

Na abertura – que finalmente aconteceu no *Teatro Municipal*, com o show *“Ponto de Partida”*, do cantor, compositor e cineasta **Sérgio Ricardo** -, a polêmica sobre o valor repassado (R\$ 21 mil, ao invés dos R\$ 35 mil de anos anteriores) polarizou as atenções de todos. Para evitar uma retaliação, a classe artística esperava receber um adicional de **R\$ 15 mil** do governo do estado, via **Secretaria de Cultura**.

Outra atitude dos artistas locais foi a **intervenção** na sessão da **Câmara Municipal**, no dia 2 de setembro, em protesto contra a falta de recursos para a realização do festival. Apesar da paralisação dos trabalhos, os **vereadores** municipais se mostraram solidários aos artistas e agendaram, para o dia seguinte, uma reunião com o **Secretário de Cultura, Carlos Pinto**, na esperança de conseguir a liberação da verba.

Em **novembro** deste mesmo ano, a nova diretoria da **FESTA – Federação Santista de Teatro Amador** -, empossada no mês de outubro anterior, explicita seus planos para retomar o vigor da federação, além de dar apoio aos grupos locais.

Além do ordenamento fiscal e jurídico da entidade, a nova diretoria pretende inclusive voltar a ter uma sede própria para a federação, para que esta não “exista” apenas durante o mês de setembro, para organizar o festival. A entidade tem que ser atraente para a afiliação dos grupos. As iniciativas incluem o mapeamento de atividades e festivais regionais já existentes, assim como de locais alternativos para apresentações.

Esta **diretoria** foi composta por **Renato Bellamin** (presidente), **Ricardo Menezes** (vice-presidente), **Ronaldo Fernandes** (diretor de patrimônio), **Conceição Calixto** (diretora social), **André Leahun** (diretor de divulgação), **Caio Martinez** (tesoureiro), **Ana Marigliano** (secretária), **Raquel Rollo** (programação), **Dino Menezes** (divulgação), e os suplentes **Will Vasconcelos**, **Alessandro Cruz**, **Tiago Stada** e **João Paulo Pires**.

2005

Cerca de 500 atores participam de mais de **70 espetáculos** no **47º FESTA**, cuja programação acontece em diversos locais da cidade, como o *Teatro Municipal*, o *Teatro Rosinha Mastrângelo*, a *Cadeia Velha*, o *Teatro dos Metalúrgicos*, o *Caruara*, e o *Shopping Parque Balneário*, além de praças e ruas da cidade. Esta edição, dedicada ao **Carnaval**, teve como patrono o Rei Momo **Valdemar Esteves da Cunha** e, como patronesse, a atriz **Lizete Negreiros**. Com a proposta de integrar teatro e Carnaval, o **FESTA** trouxe ainda exibições de vídeo, exposição de fantasias e de pavilhões das escolas de samba.

FESTA 2005

Tudo acaba em Samba

47º Festival Santista



De
Teatro
Amador

(De 1 a 15 de setembro)

Patrono: Valdemar Esteves da Cunha
Patronesse: Lizete Negreiros
In memoriam: Carlos Eduardo Costa
(Duda) e Neto Alves

FESTIVAL SANTISTA DE TEATRO AMADOR



levo é
baco,
evoé

IN MEMORIAM
FRANCISCO MILANI
RAUL CORTEZ
GIANFRANCESCO GUARNIERI

2006 **FESTA**
48

1 a 15 setembro **SANTOSSP**





2006

A grande novidade na **48ª edição do FESTA** foi o festival perder seu caráter competitivo, a fim de discutir a realidade do movimento de teatro amador na região. *"Assumimos o compromisso de buscar uma nova forma de fazer o festival. Até a última edição, havia vários espetáculos e pouca discussão sobre a qualidade das produções ou a estabilidade dos grupos. Temos que recuperar o pique, para fazer justiça à nossa história, cheia de nomes dos quais nos orgulhamos e que nos impõem uma responsabilidade. O melhor teatro do país era o de Santos",* diz a coordenadora geral do evento, **Miriam Vieira**.
(jornal A Tribuna 31 agosto 2006)

Miriam aponta, ainda, a **falta de leis de incentivo à Cultura**, como um dos fatores preponderantes para o enfraquecimento do movimento teatral dos grupos regionais. Na noite de abertura desta edição do **FESTA**, os atores **Serafim Gonzalez** e **Giácomo Pinotti** receberam o **Troféu Pagu 2006**, uma homenagem dos organizadores do Festival.



"Medo de Mim" (TEP 2007)
 Eloísa Rocha, Paula Gomes, Farmácia, Cláudia Gomes, Gláucia Sioli, Katia Balliano, Paula Thomaz,
 Fabíola de Moraes, Bruna Reis, Nanci Nastari



Motim - "Kaos"

2007

Abrindo em 1º de setembro, a 49ª edição do **FESTA** traz o espetáculo *"Refavela – Refazendo o Sentido"*, de **Renato Di Renzo**, homenageando a migrantes e **Gilberto Gil**, além das homenagens aos atores santistas **Serafim Gonzalez** e **Marisa Lobo Viana**, falecidos neste ano. Às vésperas de comemorar seu jubileu, o **FESTA** acrescenta, este ano, duas novas categorias: **Teatro de Rua** (para grupos que se apresentam ao ar livre) e **Inclusão Social** (trabalho com portadores de deficiências).

Como resultado das apresentações deste ano, os diretores convidados **Reinaldo Maia** e **Ivan Andrade** alertam para a necessidade de **revitalização na produção local de teatro**, para que se honre a tradição de excelência do teatro santista.

Os diretores, orientadores convidados pelo festival, acompanharam os espetáculos deste ano, e detectaram que, além da **baixa qualidade dos espetáculos**, a cena local apresenta dois grandes problemas: *"a falta de uma política pública para o teatro em Santos, e o abandono do Teatro Municipal"*.

Maia, que é diretor do grupo **Folias D'Arte** em São Paulo, ficou chocado com o **estado precário do Municipal**: *"Nem a Bósnia tem um teatro nessas condições. Em dez anos o espaço de deteriorou muito, e nada foi feito. É um descuido da Cidade com seu teatro, da Secretaria de Cultura com seu equipamento..."* **Ivan Andrade**, do grupo **Cartel** em São Paulo, critica também o **Rosinha Mastrângelo**, vítima de descaso.





2008

Comemorando o **cinquentenário** de criação, o **FESTA** acontece de 1º a 14 de setembro, ocupando diversos espaços da cidade. Devidamente incorporado ao **calendário oficial** de eventos do **Estado de São Paulo**, o festival tem por fito estimular a produção cênica e desenvolver a visão crítica, **investigando o Teatro Brasileiro** a partir de seus 50 anos de vida.

São mais de **30 peças** integrando suas mostras. Um dos homenageados desta edição do festival, o crítico de cinema **Rubens Ewald Filho** recebeu o **Troféu Pagu 60 Anos** das mãos da diretora de teatro **Neyde Veneziano**. Segundo as opiniões de participantes e organizadores, além de público e crítica, **esta edição** do festival apresentou um **grande salto qualitativo** com relação às edições anteriores, em todas as áreas. Talvez até fruto das restrições levantadas pelos observadores da edição anterior do festival.

129

2009

Em 2009, abre a **51ª** edição do **FESTA**, este ano **rebatizado** de **Festival Santista de Teatro**, justamente em função da mudança de diretrizes, que agora permitem a **inscrição** também a **companhias profissionais**, além dos grupos amadores. O homenageado desta edição é o dramaturgo santista **Carlos Alberto Soffredini**, que completaria 70 anos em 2009. Nesta edição, cerca de **30 espetáculos e performances** fazem parte da programação do festival, concorrendo nas categorias "**Nacional Adulto**", "**Nacional Infantil**", "**Estadual de Teatro de Rua**",



"*Cenas Soffredini*" e "*Regional Aparte Teatral*". As *Oficinas Culturais Pagu* receberão também uma série de workshops.

2010

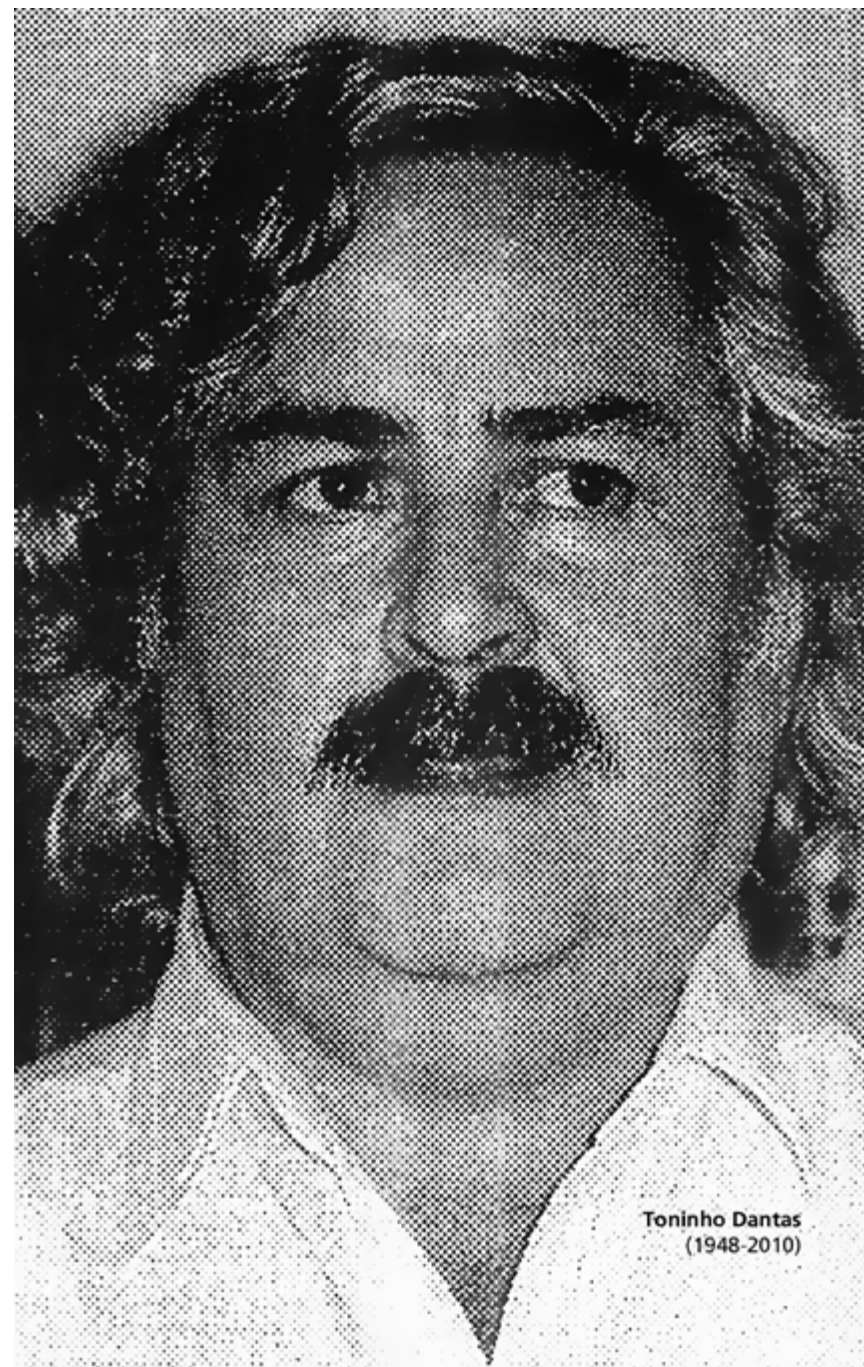
Com uma missa campal defronte à *Cadeia Velha*, o *FESTA 52* abriu, com homenagens a *Patrícia Galvão* (no ano do centenário de seu nascimento) e a *Toninho Dantas*, responsável por várias edições do festival, além de figura de ponta na Cultura da cidade. Seguida à missa, o grupo *Tescom* apresentou "*Absurdamente Pagu*", no *Teatro Guarany*. Uma das novidades desta edição são as *Sessões Malditas*, com quatro espetáculos apresentados à meia-noite, na sede do *Tescom*, no Macuco. A outra é a parceria do festival com o *Sesc*, que promove o *Mirada - Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas de Santos*, que se tornaria um dos mais importantes eventos teatrais do país, realizado a cada dois anos, a partir de então -, simultaneamente ao *FESTA*.



2011

Diferentemente dos anos anteriores, em 2011 o *FESTA 53* acontece a partir de 15 de abril (ao invés do tradicional setembro), com quase 370 inscrições de grupos para as seletivas das *Mostras Adulto, Infantil e de Rua*, fora as mostras paralelas. Um dos grandes atrativos desta edição – além dos espetáculos selecionados – é uma mesa redonda que acontece no Sesc, envolvendo organizadores de outros eventos de mesmo formato, como os *Festivais de Curitiba, São José do Rio Preto, do Mirada e do Festival de Recife*.

Entre as oficinas oferecidas destacam-se "*Teatro Musical*" com *Rodrigo Miallaret*, "*Teatro-Dança*" com *Renata Melo*, "*Práticas de Cena*" com *Renato Ferraccini*, e "*Introdução à Produção Teatral*", no Sesc Santos.





O ano de **2011** foi, ainda, um grande ano para as artes em geral, e para o Teatro em especial, com a outorga da **Ordem do Mérito Cultural**, por parte da presidente **Dilma Rousseff** - representada pela ministra **Ana de Hollanda** -, para uma série de pessoas e entidades ligadas às artes no Brasil, entre elas os grupos **Tablado**, **Galpão**, **Dzi Croquettes** e o **FESTA - Festival Santista de Teatro**, apenas para citar alguns. A homenagem do prêmio naquele ano foi a escritora e jornalista **Pagu**, e a entrega das comendas aconteceu no **Teatro Santa Isabel**, em **Recife**, a 9 de novembro de 2011.

2012

Novamente acontecendo em abril, o **54º Festival Santista de Teatro** tem sua abertura no dia 13, com a apresentação do grupo paulistano dos **Parlapatões**, com a comédia **"Ridículos Ainda e Sempre"**. A abertura oficial do **FESTA** acontece no **Teatro Municipal Braz Cubas** havendo, após a apresentação do espetáculo, **debate sobre a peça** – atividade que se repetirá em todas as apresentações das mostras oficiais do festival.

O Festival prevê, além da apresentação das peças de teatro, **debates, mesas-redondas, atividades formativas, exposições artísticas e apresentações culturais** dentro de sua programação. Outra iniciativa que se repete, do ano anterior, é o sistema **"Pague Quanto Quiser"**, sistema formador de plateia que não desvaloriza as produções.

Integrando o tema deste ano do festival, **"Arte, Política e Pensamento"**, acontece nos dias 21 e 22 de abril o **4º Fórum do**



Interior: Artes e Políticas Públicas, que reúne artistas de todo o estado de São Paulo na discussão sobre a adoção de políticas culturais e as alternativas de produção regional para os artistas.

2013

Este ano, o **55º FESTA** tem como tema "**Movimentos**" – mirando nos **Movimentos Sociais** -, além de certa ênfase no segmento de **público LGBT**, com montagens que já são sucesso de público e crítica: "**Sereias de Salto**", de Zecarlos Gomes; "**Dama da Noite**", de André Leahun, com Luiz Fernando Almeida; e "**Dentro de Mim Mora Outra**", de Maria Tornatore, com Renata Carvalho. Com mais de **30 trabalhos**, esta edição do **FESTA** recebe grupos de Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão, Guarujá e Mongaguá, muitos deles retomando participações no festival.

137

2014

Desentendimentos marcam a realização do **56º FESTA**, pelo desacordo entre os valores destinados ao festival, no entender do **Movimento Teatral** da cidade e da **Secretaria de Cultura**. No princípio do ano, em reunião entre o **Movimento** e o prefeito, Paulo Alexandre Barbosa, e o secretário de Cultura, Raul Christiano, foi feita a promessa de verbas no montante de **R\$ 70 mil**, mais **R\$ 70 mil** de emendas parlamentares, num total de **R\$ 140 mil**, segundo o **Movimento**.

A partir deste valor, o festival deu **continuidade** à sua produção, com reservas na **rede hoteleira**, aquisição de **passagens aéreas**, **alimentação**, etc., para um evento que deixou de ser amador



há mais de dez anos, tendo representatividade nacional, desde então. O **secretário de Cultura**, por seu lado, afirma que na **reunião do Movimento com a prefeitura**, não foi explicitado o aumento da verba para **R\$ 70 mil**, mas sim que foi acordado um **aumento progressivo**, que não foi possível de ser cumprido pela situação financeira do período. Informados que **não haveria a disponibilidade** de toda a verba destinada anteriormente, os integrantes do **Movimento** refizeram seus orçamentos e chegaram ao valor de **R\$ 84 mil**, diante de uma **oferta de R\$ 4 mil da secretaria**, com a promessa de **mais R\$ 50 mil** na sequência.

Diante do impasse, os **organizadores protestaram** publicamente e resolveram **cancelar a vinda de grupos** do restante do país, com apenas um grupo paulistano convidado, graciosamente.



O festival assume então um **caráter de discussão política** pela **falta de política pública cultural** na cidade, o que acaba refletindo nos eventos tradicionais organizados da sociedade civil.

A novidade do ano acabou sendo a **realização simultânea** do **FESTA** com o mais tradicional festival de cinema de Santos, o **Curta Santos**, com o tema conjunto de "**Artecidade**", e agendas não conflitantes em termos de horários.

Em resposta às considerações do poder público, o Movimento Teatral Santista emitiu, à época, o seguinte manifesto:

"Manifesto do Festival Santista de Teatro

140 *Em resposta ao posicionamento da administração municipal veiculado nos meios de comunicação no dia 1º de setembro, nós do Movimento Teatral da Baixada Santista, realizadores do FESTA, tornamos públicas as contradições explícitas no processo de realização deste festival.*

O FESTA (Festival Santista de Teatro) - festival de teatro mais antigo do país, criado em 1958 por Patrícia Galvão e historicamente realizado pelo Movimento Teatral - enfrenta uma série de dificuldades para realizar sua edição neste ano, por conta da administração municipal.

No dia 25 de agosto, fomos informados pelo senhor secretário de Cultura que a verba do orçamento da Secretaria destinada ao Festival foi direcionada ao pagamento de outros eventos, tais como Festa Inverno e tendas de verão, restando ao FESTA

apenas 4 mil reais (acompanhado de um pedido para não se levar a público tal situação).

Somado a isso, tínhamos uma emenda parlamentar do deputado estadual Luciano Batista encaminhado à realização do FESTA 56 (processo este todo documentado), cuja verba foi redirecionada - sem conhecimento do Movimento - para realização de outro evento da própria Secretaria.

Após mobilização da classe artística, mediante tais fatos, nos foi oferecida, há 2 semanas da realização do Festival, a quantia de 50 mil reais. No entanto, já não havia mais tempo hábil para prosseguir com o cronograma planejado (pela inviabilização logística da produção).

Nós, Movimento Teatral, nos vimos obrigados a redesenhar o formato do FESTA 56, sem deixar de levar a público o descaso com o qual esta administração vem tratando a cultura de um modo mais amplo. Podemos citar: 141

- O atraso constante no pagamento dos professores da Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo e de grande parte dos funcionários da Secretaria da Cultura;
- A não publicação do Edital FACULT em 2013;
- A ausência de um Coordenador do segmento teatral no quadro da secretaria;
- O Curta Santos, que enfrenta situação similar ao FESTA, com 50 mil reais subtraído de seu orçamento;
- O processo obscuro dentro do Conselho Municipal de Cultura para a regulamentação das OSs;
- A falta de uma política cultural concreta.

Não podemos admitir que a realização de um Festival de tantos anos seja negligenciada. Ficamos indignados com o pronunciamento mentiroso do senhor Secretário de Cultura, em rede social que, mesmo estando antecipadamente ciente da posição do Movimento apresentada nesta carta, declarou que o FESTA seria realizado com aporte financeiro da Prefeitura e omitiu todo o contexto aqui apresentado.

O dinheiro não compra a legitimidade da arte pública! Assumiremos o caráter de resistência cultural. O FESTA não morrerá!”

Movimento Teatral da Baixada Santista





"Blitz - O Império Que Nunca Dorme"
Trupe Olho da Rua • Praça dos Andradas (2015)

"Projeto Bispo - Tratados Como Bichos, Comportam-se Como Um"
O Coletivo • Centro de Santos (2015)



2015

Para o **FESTA 57** "vamos trazer vários grupos de outros Estados, todos eles beneficiados por subvenção (municipal ou estadual), uma vez que o tema deste ano do nosso festival é Fomento. Com isso, além deles mostrarem seus espetáculos, poderão contribuir para a discussão sobre este importante incentivo para que o teatro permaneça vivo em nossa cidade", afirma **Platão Capurro Filho**, um dos produtores do festival.

Na reivindicação de uma "**Arte Pública**" via fomento, o **Movimento Teatral** se une ao **Movimento Mães de Maio**, na luta por esta política pública de incentivo à arte, como elemento catalisador na luta pelo fim da violência contra a juventude.

145

2016

A abertura do **58º FESTA** acontece no **Teatro Guarany**, com a apresentação de "**Processo de Conscerto do Desejo**", monólogo que **Matheus Nachtergaele** escreveu sobre sua mãe, morta quando ele era ainda um bebê, a partir de poemas deixados por ela.

Na programação do festival, além da abertura com **Nachtergaele**, uma série de eventos e espetáculos, distribuídos pela **Praça dos Andradas**, a **Cadeia Velha**, a **Vila do Teatro** e no próprio **Teatro Guarany**.

f: Rodrigo Morales



"Nas Quebradas do Mundaréu"
Oficina do Imaginário e Dino Filmes (2015)
Rosane Paulo

"Higiene"
Grupo XIX de Teatro (2015)

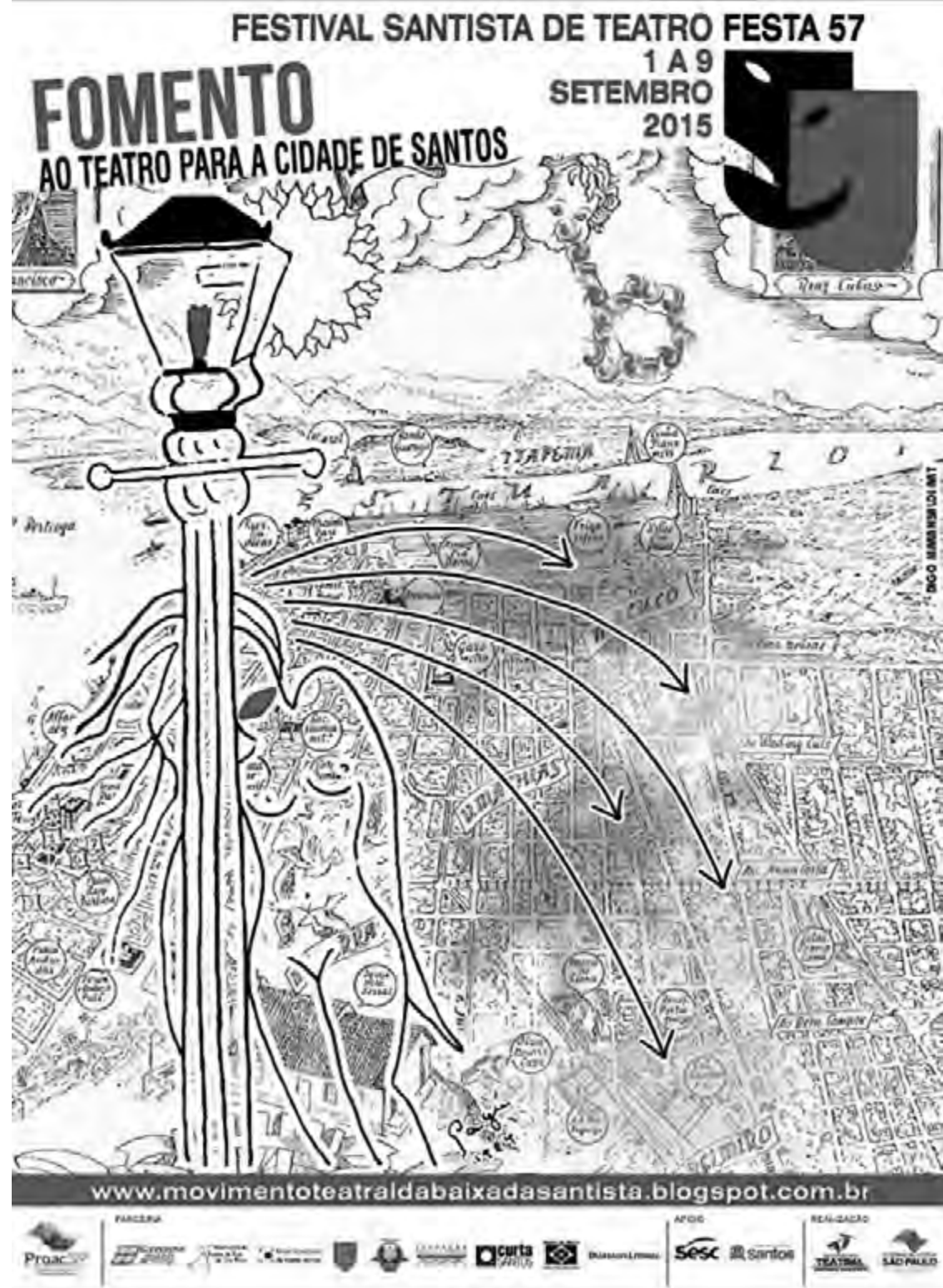
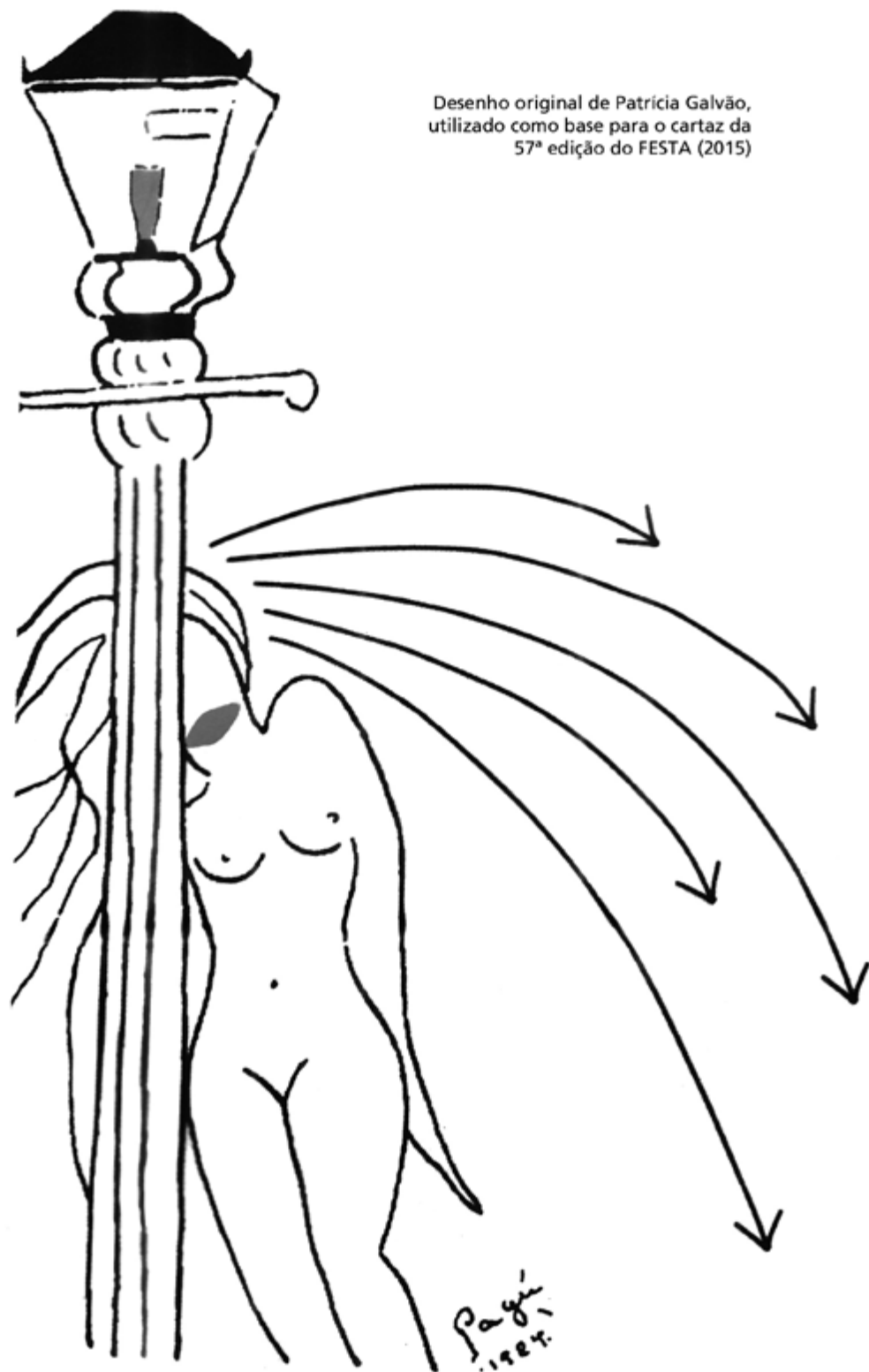


f: Sander Newton

f: Rodrigo Morales



"Barraco nº9" (2015)
Com Pri Calazans





"Processo de Concerto do Desejo"
Com Matheus Nachtergaele
Espetáculo de abertura do 58º FESTA (2016)





FESTA 59

FESTIVAL SANTISTA
DE TEATRO

01 A 07 DE SETEMBRO

LIBERDADE
DE EXPRESSÃO

2017

A edição de número 59 do **FESTA** abre no **Teatro Guarany**, dentro de sua **Mostra Nacional**, com o espetáculo "**O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu**", que "reconta, no contexto contemporâneo, histórias bíblicas conhecidas, em um monólogo que traz Jesus ao tempo presente, na pele de uma travesti. Ao expor os problemas sociais e tratar de amor, perdão e aceitação, o espetáculo reflete a opressão e a intolerância sofridas pela população trans e minorias em geral."

Com o grupo **Corpo Rastreado**, o espetáculo tem texto de **Jo Clifford**, com tradução, adaptação e direção de **Natalia Mallo**, e atuação de **Renata Carvalho**. Esta mesma montagem, aclamada mundo afora, acabaria por ser censurada dentro de seu próprio país, no **Festival de Inverno de Garanhuns/PE**, num claro exemplo de intolerância e transfobia.

155

Nesta mesma edição do **FESTA**, foram abertas também exposições de **Artes Plásticas e Fotografia** no **Centro Cultural da Cadeia Velha**. As fotografias de **Rodrigo Montaldi** compõem a mostra "**Ciatis de Santos: Mulheres que no Samba resistem**", e os trabalhos em pintura de **Olivia Af** compõem a mostra "**Consequência**".

O festival ocupou o **Teatro Guarany**, o **Centro Cultural Cadeia Velha**, a **Vila do Teatro** na Praça dos Andradas, o **Emissário Submarino**, o **Arte no Dique**, e o **embarque das catraias** no Paquetá / Mercado Municipal.



Abertura do FESTA 59, com
representantes do Movimento
Teatral da Baixada Santista
(01/09/2017)

"Isto Não é Uma Mulata"
(2018)



f: Fausto Franco



f: Adilson Felix



Movimento Teatral Santista em ato de repúdio à interrupção de espetáculo da Trupe Olho da Rua e à prisão de um de seus componentes, Caio Martinez Pacheco.

A atriz Renata Carvalho, que teve seu espetáculo "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" censurado no Festival de Inverno de Garanhuns/PE.



2018

No ano em que o **FESTA** completa seu aniversário de **60 anos**, o festival traz extensa programação gratuita, no período de 24 de agosto a 2 de setembro, com **20 espetáculos** de seis estados brasileiros, mais uma série de atividades paralelas, incluindo **oficinas de interpretação e direção**, ministradas por **Fernanda Azevedo** (interpretação), **Georgette Fadel** (direção), e **Fabíola Moraes** (interpretação melodramática), na **Cadeia Velha**.

Sob o tema "**Mulheres em Cena: Da Luta de Pagu aos Dias de Hoje**", o festival propõe uma reflexão sobre a obra da autora, diretora, cronista e militante política **Patrícia Galvão** (1910-1962), idealizadora do festival, abrindo, no **Teatro Coliseu**, com o espetáculo "**A Vida em Vermelho - Brecht & Piaf**", com **Letícia Sabatella** e **Fernando Alves Pinto** sob direção de **Bruno Perillo**.

161

2019

Começando no dia 30 de agosto, a **61ª edição do FESTA** abre com o espetáculo "**Inútil Canto, Inútil Pranto Pelos Anjos Caídos**", texto original de **Plínio Marcos** com direção de **Rogério Tarifa**, no **Sesc Santos**. O tema deste ano é "**O Berro do Povo**", inspirando-se na obra do santista **Plínio Marcos**, discutindo as contradições políticas e históricas do Brasil e do mundo.

O **FESTA** se estende até o dia 7 de setembro, com 12 espetáculos nas **Mostras Oficiais** (Regional, Estadual e Nacional) e muitas outras atrações na **Mostra Paralela**, além de debates, bate-papos e intervenções.



f: Sander Newton





f. Adilson Felix

Exibição do documentário "Górgona" e bate papo
com a atriz Maria Alice Vergueiro (29/08/2018)



f. Adilson Felix

Exibição do documentário "Górgona" e bate papo
com a atriz Maria Alice Vergueiro (29/08/2018)

O Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, apresenta:

O FERRO DO AVO

FESTIVAL SANTISTA DE TEATRO

FESTA 61

30 de Agosto à 7 de Setembro de 2019

A ARTE NÃO DEVE HABITAR
CORAÇÕES MEDROSOS!

A TERRA
É PLANA

AMAZÔNIA PARA QUÊ?

*ENTRADA FRANCA EM TODAS AS ATIVIDADES
WWW.MOVIMENTOTEATRALDABADADASANTISTA.BLOGSPOT.COM.BR

COLABORADORES:

EXPOSITORES:

APÓZIO

REALIZAÇÃO

SESC

Teatro de São Paulo

Santos

Santos

SÃO PAULO



FESTA 61 (2019)
Curadoria e Noite de Abertura





Troféu Pagu

FESTA • Memória

Alexandre Borges

"Nossa, (as lembranças) são inúmeras. O que mais chamava minha atenção quando eu era um menino de 14 ou 15 anos, era a função social dos atos teatrais. Aqueles atores encenavam a arte com um sentido de trazer debate, questionamento e engajamento com coisas maiores. Muitas vezes estavam ali apenas por amor, sem nenhuma remuneração ou visibilidade. Esse amor, esse prazer que descobri nos palcos do FESTA, carrego comigo até hoje."

169

Alexandre Maradei

"Minha experiência com o FESTA começou em 1996. Nessa época, o Toninho Dantas era presidente da Federação, e eu entrei na Mostra Paralela com um espetáculo convidado. Fui então convidado pelo Toninho para fazer parte da Diretoria, como Diretor de Programação, cargo que ocupei de 1996 até 2001. Chamo os anos 1990 de 'Era Toninho Dantas', e acredito que devemos muito a essa criatura, um grande motivador do teatro em Santos."

O FESTA era divertidíssimo, pois a nossa convivência era muito boa e o Toninho era um agregador. O festival era competitivo:

tinha a Mostra Infantil, a Mostra Adulta e, em 1999, foi criada a Mostra de Performance, além da Mostra Paralela, que reunia outras manifestações artísticas como Dança, Música e Poesia.

Na época, tínhamos apenas os teatros Brás Cubas e Rosinha Mastrângelo disponíveis como salas de espetáculos, pois a sala de espetáculo Plínio Marcos – no Centro Cultural da Cadeia Velha - ainda era uma sala de ensaios, e levou um tempo para a gente começar a ocupar os espaços da Cadeia como espaços de apresentação. Esse foi um período muito rico. O FESTA faz parte da minha vida, como eu faço parte da vida dele. Além de trabalhar como Diretor de Programação, meu grupo participou de mostras, fui Jurado, Oficineiro e Coordenador de mesa. Tive várias funções e o FESTA trouxe muitas coisas para mim. A quantidade de coisas que a gente agregou e construiu aqui... Chegamos a receber o FETAESP (Festival Estadual de Teatro Amador do Estado de São Paulo), o festival estadual. Conhecemos os dirigentes de todas as Federações e o 44º FESTA aconteceu em concomitância com o 29º FETAESP.

Alguns espetáculos foram emblemáticos no FESTA. 'As Irmãs de Wicca' foi um deles; foi uma escola. Passamos dois anos em processo com o Grupo Família Teatral, de Telma e Delma Lima. O Ademir foi produtor e chamaram o Egbert Mesquita para dirigir. Eu fui chamado para fazer a preparação corporal e a coreografia. A gente 'morou' na Cadeia Velha durante dois anos, nesse processo que estreou na edição do FESTA de 1998.

Por esse trabalho passaram pessoas de muita relevância no teatro santista. Uma delas foi a Maria Tornatore, que já era uma 'monstra'; Cibelle Piacentini e Vanusa de Santis, que hoje

são professoras da Escola de Artes Cênicas; Junior Brassalotti e Caio Martinez, que hoje são importantes lideranças no setor.

Outro espetáculo que não podemos deixar de citar é 'As F... e Mal Pagas', de André Leahun, que se tornou um marco em Santos. Ele estreou no Festival de Performances. Fiz parte do elenco, junto com a hoje icônica Renata Carvalho, Thays Villar e Fernando Pompeu.

Sempre serei obrigado a voltar ao Toninho, o 'Boto', como chamamos. Eu queria um festival organizado, e ele queria um festival com todo mundo. E sempre deu certo. O FESTA deve muito ao Toninho, que fez com que todos conhecessem e reconhecessem Pagu. Ele trouxe a militância dela para os anos 1990. Somos cria dele, da Miriam Vieira, da Karla Lacerda e da Naira Alonso, que foram as três presidentes da Federação.

O FESTA é necessário. É o festival de teatro mais antigo do Brasil. A classe artística e a população sabem disso. Ele tem essa ação formativa. Lamentamos apenas que sempre tenha que ser uma briga. É um movimento de resistência e permanência. Ele é reconhecido no Brasil inteiro e vai continuar."

André Leahun

"Participo do FESTA desde a retomada em 1987, após a abertura democrática. Sempre estou envolvido, seja em cima do palco, atrás do palco ou na plateia. Tenho uma história clássica, que foi quando estávamos no meio do Festival e, de repente, caiu uma

bomba no colo da organização: o encerramento não poderia mais ser no Teatro Municipal, pois haveria a apresentação da 'Ópera Café' (1996). Precisamos remanejar tudo, fazer toda uma estrutura na época, e levar para o Teatro do Colégio do Carmo. Houve um protesto bonito, onde sentimos todo o movimento envolvido, de luto por não estar ocupando sua casa naquele momento.

Sou ator, diretor e iluminador. Já ganhei todos os prêmios no FESTA, inclusive Sonoplastia e Cenografia, que não são a minha formação. Trabalhei com muitos diretores, como Dagoberto Feliz e José Ricardo... Apesar de hoje em dia ter o meu grupo, sempre estive envolvido em várias coisas ao mesmo tempo. Sou 'workaholic' no que diz respeito à arte. Falar da frase feita de que 'Santos é um celeiro' é chover no molhado. Hoje em dia estamos em uma fase de resistência mesmo, sendo massacrados por todas as vias e por todos os lados. O FESTA resiste e vai resistir. 'Eles passarão e nós passarinho'. Eles nos massacrarão e nós faremos o FESTA."

Bruna Gasgon

"Sou Rosely Gasgon de Oliveira, mas há 48 anos tenho o nome artístico de Bruna Gasgon. Publicitária de formação, atriz e diretora de teatro, consultora de empresas, palestrante, escritora – com oito livros publicados –, em meus cursos e palestras sempre utilizo técnicas teatrais, pois o teatro salvou minha vida - minha inibição, minha baixa autoestima. Levo o teatro sempre, para todos os lugares.

Assim como fez bem para mim, eu procuro que faça para outras pessoas também.

O meu envolvimento com o teatro santista é total, uma vez que nasci e cresci em Santos e foi aqui que iniciei, em teatro amador, em 1972 ou 73, no Clube XV – no MOTIM, Movimento do Teatro Independente - sob a batuta de Belarmino Franco, uma referência, um homem muito culto, que me ensinou praticamente tudo no meu início de carreira, na montagem de "A Máquina do Tempo", com 60 personagens e 48 atores! Nunca vou esquecer. Então, meu envolvimento é completo, pois foi aqui que comecei. A partir daí, para continuar na profissão, mudei para o Rio de Janeiro, em busca da profissionalização.

Fazer teatro na época era muito complicado. Minha família não recebeu bem. Enquanto achavam que era uma brincadeira de clube, tudo bem. Mas quando começaram os cursos com Miriam Muniz, no Teatro Anchieta, em seguida viajando para festivais em Minas Gerais, agora já com o Tanah Correa, a coisa mudou de figura. Mas fui muito incentivada pelos meus primeiros diretores – o Belarmino, o Tanah e, posteriormente, já no TEVEC, o Carlos Pinto.

Um dos meus momentos mais marcantes, em teatro, foi minha estreia, com 18 para 19 anos, como protagonista num espetáculo no Clube XV (que frequentávamos diariamente), com uma casa lotada. Este foi o ponto em que finalmente me equilibrei, me tornei uma pessoa responsável, comprometida, pontual – coisa que os esportes também me deram. Quando você nasce em meados dos anos 1950, numa família conservadora e tradicional...

Outro momento marcante foi voltar ao Teatro Municipal como atriz profissional, tendo atuado ali como amadora, um ciclo completo.

O Teatro acabou me dando tudo, todo o arsenal de habilidades que desenvolvi para a carreira que abracei, de atriz e palestrante. Toda a disciplina que me era exigida por meus rígidos diretores, me preparou para meu trabalho.

Não cheguei a participar de nenhuma luta coletiva da classe artística em Santos porque, no período em que a classe começa a se engajar mais ferrenhamente em lutas sociais, eu já não estava mais na cidade. Na nossa época, a luta se dava contra a Ditadura. A gente era obrigada a fazer uma sessão do espetáculo só para os censores – porque tudo era censurado, não se podia falar nada – numa época em que você era preso, torturado e, eventualmente, sumiam com você!

No fim, a gente estava ali meio que na ingenuidade, sem saber dos perigos reais, lutando pela Democracia, pois enfrentávamos uma Ditadura horrível. Mas não vivenciei os movimentos mais recentes, pois estou fora de Santos desde meus 25 anos, há mais de 40 anos. Minha ligação com a cidade de manteve na medida em que vários dos espetáculos onde trabalhei passaram pela cidade: “O Sonho de Alice” esteve aqui, o “Trair e Coçar é só Começar” foi mais de 30 vezes à cidade...

Quanto às transições enfrentadas pela classe artística nas últimas décadas, posso dizer que, no período, já vi de tudo. Comecei na Ditadura, parti para uma semi-Democracia, uma Democracia real, e só vejo a arte, o teatro, sempre em segundo plano.

Mesmo os atores consagrados pela televisão, que conseguem levantar suas produções com patrocínio, enfrentam muitas dificuldades, ralando para poder fazer suas montagens...

Não creio que tenha mudado muita coisa. A facilidade é que se pode agora falar mais abertamente sobre as coisas. Por outro lado, a classe artística nunca esteve tão desunida, principalmente agora, por conta da atual questão política.

O que percebo é que, quando comecei, as pessoas faziam teatro por idealismo, preocupadas em passar uma mensagem. Hoje, as coisas mudaram, e a questão econômica é preponderante. Não que julgue errado, apenas percebo esta grande mudança.

E ainda bem que a profissão foi regulamentada. Quando comecei, em 1973, não havia um estatuto. A profissão só foi regulamentada em agosto de 1978. Ou seja, as transições marcantes foram o fim da Ditadura e o processo de profissionalização da classe. Mas continuamos ainda precisando muito – e pedindo muito – dinheiro para as produções. Não é como na época de uma Maria Della Costa, por exemplo, quando havia a figura do produtor. Hoje, mesmo que você seja um grande nome, se não tiver patrocinador, não monta nada.

Lembro-me de um espetáculo, em especial. Em 1973, da autora Ana Luisa Portugal Gouveia, um texto de Teatro de Absurdo – “O Jantar de Antevéspera” -, como convinha ao período da Ditadura, quando as mensagens tinham que ser transmitidas de maneira meio cifrada, pelo texto teatral. A montagem tinha direção de Tanah Correa, com Marco Antonio Rodrigues, Edivaldo Pereira e Belarmino Franco no elenco, e teve sua estreia no Teatro da

Rádio Clube, com algumas peculiaridades. O Tanah posicionou quatro refletores – dois de cada lado – voltados para a plateia de modo a incomodar, a ponto das pessoas se levantarem e saírem, questionando a postura de se ‘fugir’ ao incômodo: ‘eu prefiro levantar e ir embora!’ Sem questionamentos, num claro comentário ao estado em que se viva, de opressão.

Na busca pela autenticidade, eu pedia para que o Marco Antonio me batesse realmente em cena – como o texto pedia. Até que, um dia, ele se esqueceu de tirar o anel e me cortou o lábio, que sangrava no meu vestido branco, e a plateia comentava: ‘Nossa, que realismo!’

Dado o hermetismo do texto, muita gente se levantava e saía, sem entender o espetáculo. Era na época em que se apresentava a peça aos censores, às vésperas da estreia, correndo o risco do espetáculo não poder estrear, ou estrear com cortes no texto. Lógico que, nesta apresentação, as coisas eram meio abrandadas...

Com esta peça, participamos do Festival de Ouro Preto, e viajamos por todas as Minas Gerais, sempre com grande sucesso, casas lotadas. Quem conseguia entender o texto ficava encantado, porque as mensagens eram todas subliminares. Minha personagem – um marco em minha vida – era uma mulher que, depois de torturada, tinha que se reerguer e cantar, submissa. Foi um papel muito gratificante para mim. Usávamos até uma música bastante visada no período, “Pra Não Dizer Que Não Falei em Flores”, do Geraldo Vandré que, dependendo da plateia, era ou não incluída no final da peça. Esta foi também a primeira peça não profissional a ser convidada a se apresentar no Teatro Ruth Escobar, na Sala Gil

Vicente. Foi justamente lá que recebemos uma crítica muito positiva do crítico teatral Sábato Magaldi, além da autora haver comparecido à estreia e ficado muito emocionada, me elogiando e ao Tanah, por assistir ao seu texto encenado exatamente como ela havia imaginado ao escrevê-lo.

A síntese, então, está no fato que para se trabalhar, no período, era necessário ou se montar um “teatrão”, como Tchekhov, Brecht, um destes grandes autores, ou então um texto de Teatro de Absurdo, nacional. Porque Plínio Marcos era proibido, Nelson Rodrigues era proibido, os brasileiros todos que diziam alguma coisa eram censurados.

Sobre a cena teatral santista atual, confesso que não acompanho de perto o trabalho das novas gerações. Morei nove anos no Rio e estou há mais de 30 em São Paulo. Sei que a cidade está no roteiro de viagem dos grandes espetáculos teatrais, mas a produção local me escapa.

Considero o patrocínio, as verbas, o grande entrave da produção cultural – hoje como sempre -, e uma das maiores dificuldades a serem contornadas. Não falta talento ao brasileiro, e em especial ao santista.”

Caio Martinez Pacheco

“Sou Caio Martinez Pacheco e, aos 41 anos, sou ator, diretor e produtor cultural em Santos. No FESTA, minha primeira participação foi em 1996, ainda na Confederação de Teatro

Amador. Em 1997, comecei a trabalhar no festival, e a fazer parte de vários grupos teatrais em Santos – ‘Família Teatral’, ‘Confraria dos Bobos’ (com o André Lehaun), ‘Kabuki’, ‘Companhia Orangotango’ -, além de fazer o curso, de dois anos, da Waldírez Bruno, no Sesc Santos. Participo ininterruptamente da dinâmica do teatro santista desde então.

De 1997 para cá não me afastei mais da organização do FESTA, e fui também me apropriando do conceito de Movimento, muito maior do que o conceito de Federação. É preciso reconhecer as lutas do passado que surtiram efeito, e as lutas do futuro. Neste ponto comecei também a ter uma participação nos movimentos teatrais estadual e nacional, e comecei a trazer esta pauta para dentro do Movimento da Baixada Santista, num diálogo com outros grupos que também estavam nesta luta.

178

Comecei a fazer teatro na Praia Grande e, no segundo ano, participei de uma oficina no Centro Cultural da Cadeia Velha, entre várias outras que me inscrevi ali, além do curso do Sesc. Na Cadeia Velha, comecei a ter contato com os grupos que lá ensaiavam, e foi um desenvolver muito orgânico, até que em 2002 fui um dos fundadores da Trupe Olho da Rua, o primeiro grupo a trabalhar com teatro de rua depois do período da Ditadura.

A partir de sua fundação, a Trupe logo se cooperativou, para estabelecer este diálogo entre os grupos do movimento teatral com a Cooperativa Paulista de Teatro, com o Fórum do Interior, trazendo esta discussão para incorporar na criação das políticas em diferentes níveis. Isso levou a uma participação mais orgânica do Movimento no Conselho Municipal de Cultura – no qual cumpre importante papel até hoje.

Posso citar alguns dos momentos marcantes, algumas lutas em minha trajetória:

- *A reação da classe artística quando, em 1998, o prefeito Beto Mansur tentou acabar com a Secretaria de Cultura de Santos, um momento importante quando eu, ainda jovem, percebi que o Movimento (Teatral) tinha força, um papel histórico na Cidade.*

- *Depois, a luta pela criação do Facult (Concurso de Apoio a Projetos Culturais Independentes do Município de Santos), muito importante, que demorou muitos anos.*

- *A participação no Conselho Municipal de Cultura, desde sua criação, com o Movimento Teatral pautando.*

- *E, emblemática, considero a oportunidade de ter conhecido Plínio Marcos, através do FESTA, e ter presenciado, de 2002 em diante, uma grande mudança de paradigma no teatro amador da Cidade.*

179

- *A luta pela reforma do Teatro Coliseu, e a criação de uma legitimidade na apropriação do espaço público com o teatro de rua que a Trupe Olho da Rua desenvolve.*

- *A mudança de paradigma de um teatro amador para um teatro semiprofissional, que já dialogava com os grupos pela transformação que o teatro sofreu em São Paulo através da lei de fomento, onde os grupos puderam exercer um caráter mais experimental, de pesquisa – o que é uma raiz do teatro amador. Então, alguns grupos conseguiram estabelecer por aqui estes laços com este teatro mais contemporâneo.*

• Outro momento que também está neste bojo, do qual eu também participei, foi quando o Festival deixou de ser competitivo e passou a ser uma Mostra, que dava espaço para estes grupos de pesquisa continuar e não estivesse em torno de uma premiação, e sim da troca. A gente tentou com isso desconstruir um pouco aquela imagem de rivalidade, de competição.

• A Trupe, e outros grupos que se estabeleceram também, começa a disputar de forma mais contundente a apropriação do espaço público, pela construção de um espaço público permeado pela liberdade e pela arte. Esta luta específica continua sendo travada, e neste momento estamos perdendo: desde 2016 a Prefeitura colocou um decreto em vigor, que continua sendo debatido mesmo depois de ser implantado. Este decreto acaba gerando ainda diversas situações de apreensão de equipamentos e privação de liberdade de artistas no município.

• Outro ponto de importância, acontecido no período, foi a criação da EAC - Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo, no Teatro Guarany, que desde a criação do Conselho Municipal de Cultural foi uma pauta presente – a criação de uma escola municipal de teatro, nos moldes da escola municipal de bailado. E esta pauta foi atendida, na gestão do secretário Carlos Pinto, com a reforma do teatro e a criação da escola. Importante lembrar da participação do Movimento na escolha do diretor e sua participação no diálogo constante para manutenção da escola.

• Outra pauta reagente é a luta pela Cadeia Velha, que continua em discussão com a participação ativa do Movimento.

A vivência com a união na classe artística, tanto em Santos,

quanto em outros processos que presenciei em São Paulo, na criação de editais estaduais, federais ou municipais, como foi o Facult, me leva a não acreditar muito em 'união' de uma maneira hegemônica, como a palavra prega. Eu acredito que o 'ajuntamento' em torno de pautas coletivas faz com que a sociedade possa se organizar para poder, de certa maneira, pautar o Estado. Também tenho plena ciência de que reformar o Estado é algo impossível; mas, no campo da Cultura, aconteceram, nos últimos anos, inúmeras vitórias, e é natural que não exista uma hegemonia de pensamento.

O segmento Teatro é muito diverso, as pessoas fazem teatro com diferentes intuitos, do teatro por hobby até aquelas pessoas que encaram o teatro como uma profissão, e dentro dessas ainda há aquelas que enveredam por um teatro que presta serviços mais "comerciais", gerando espetáculos sob encomenda, para serem vendidos em escola, em contraponto a outros de mais pesquisa, ou com construção de grupos, ou de produção independente. Ou seja, um cenário muito diverso. E mesmo numa cidade pequena – comparada a São Paulo – como Santos, a ideia de Federação, a ideia de União ("até a página dois"), tem interesses diversos e conflitantes. Acredito mais em pautas coletivas, que possam apoiar o teatro como um todo, ou segmentadas para diferentes nichos de pessoas que fazem teatro, e que a discussão dessas pautas possam ser coletivas e abertas, mesmo por organizações que pensem caminhos contrários.

Gostaria muito que, em Santos, tivéssemos muitos organizações e movimentos, em constante debate e discussão entre os fazedores. Trazendo esta análise para os dias de hoje – desde 2012, vínhamos em um cenário de poucas vitórias, mas com

a recessão, seguida pelo impeachment, e as últimas eleições -, creio que há pautas que dizem respeito a todos, como a liberdade de expressão, e a luta para manter a Cultura livre de paradigmas ideológicos que façam com que as políticas públicas venham ser direcionadas para apenas um nicho de pensamento, um nicho muito pequeno de influência.

Acho que este é um movimento natural no desenvolvimento social, o Teatro é meio que um espelho. O Teatro nasce em Santos acompanhando desde aquele momento em que a arte vinha da Europa e as companhias passavam por Santos, por ser uma cidade portuária onde o teatro tinha este papel de ligação com o mundo; depois com o teatro que foi feito a partir das associações – a Associação dos Portugueses registra um grupo já em 1907 – que promoviam esta vida cultural; e depois ainda deste momento, o papel que Santos também teve no Teatro de Revista, com o movimento dos cassinos e das casas de shows.

Depois desta fase ligada aos cassinos, à noite, ao teatro de revista santista, de meados de 1920 até 1946, quando houve a proibição do jogo no Brasil – afetando muito o teatro de Santos -, numa época em que a realidade já era bem diversa. Ainda se mantinham os grupos ligados a associações, com algumas experiências de grupos insipientes.

Na sequência, muito como influência pós-Segunda Guerra com os imigrantes que traziam consigo a história do teatro, acontece a chegada de Pagu à cidade, o surgimento de Plínio Marcos, assim como toda a articulação feita por Paschoal Carlos Magno na criação dos festivais.

Segue-se o movimento de teatro independente dos anos 1970, com grupos que já buscavam uma profissionalização, e a retomada das federações nos anos 1980 – de maneira quase simbólica, sem a força anterior -, até os anos 2000, com o desenvolvimento das políticas públicas de editais para a Cultura, e os diferentes “fazeres” teatrais.

De todas as fases que peguei, vejo o teatro em Santos hoje, numa de suas fases mais críticas. Difícil pensar em teatro em Santos sem lembrar-se do conceito integrador de “Baixada Santista”, o que propicia o ponto alto da situação, com a discussão do fazer nos movimentos teatrais do Guarujá, de Cubatão, de São Vicente e outras cidades. Isso é uma coisa que foi um salto nestes tempos de crise. Isto é importante porque o Movimento Teatral da Baixada Santista, como aglutinador, não dá conta de discutir as questões específicas de cada cidade.

O FESTA tem este caráter aglutinador que é positivo, nos dias de hoje. Outro caráter positivo é a valorização de grupos que promoveram a ocupação de espaços públicos ociosos, grupos que estão se mantendo por mais de décadas, apesar da quantidade grupos espontâneos ter diminuído.

O congelamento de iniciativas estaduais e principalmente federais de fomento fez com que alguns grupos retrocedessem na sua periodicidade de montagens, gerando um cenário de resistência e de discussão social. A gente só vai conseguir ter uma visão precisa do momento atual num futuro próximo, quando a gente tiver o distanciamento necessário para analisar o que significou. De 2013 pra cá a situação ainda está muito nebulosa. Pode-se observar que, em 2016, quando a polícia

invadiu nosso espetáculo, houve uma retomada da truculência no trato com o artista, repetindo atitudes de exceção da história brasileira, com a coibição e a interrupção de espetáculos, como hoje acontece novamente. A luta principal que enxergo hoje é a da sobrevivência, com as pessoas conseguindo manter sua integridade física e mental para dar prosseguimento a seu trabalho, adequando o ritmo de criação aos tempos atuais. Outra pauta que diz respeito a todos é a liberdade de expressão. É algo de que não se pode abrir mão, e não se trata de algo segmentado dentro da classe, mas uma luta de todos os segmentos progressistas e liberais da sociedade.

Acho também que, infelizmente, a gente tem que se organizar para combater alguns retrocessos institucionais no campo das políticas públicas, que a classe deve debater, para tentar amenizar os resultados. Hoje os ataques não podem ser contidos como antigamente, mas podem ser mediados, e deve-se tentar manter o que já se tem - como o Facult em Santos –; derrubar o decreto que impede a livre expressão no espaço público; e manter o FESTA atuante, como uma forma de dar visibilidade ao trabalho dos grupos.”

Carlos Pinto

“O festival produziu vários grandes atores. Santos era um centro de vanguarda experimental de teatro. Hoje, as coisas são bem diferentes, lidar com Arte toma tempo e as pessoas precisam ganhar a vida. No entanto, ainda assim tem gente que levanta a bandeira apesar de todas as dificuldades e isso é lindo.

Em Santos tem havido uma movimentação cultural interessante. Ainda falta muito, mas estamos caminhando. A Ditadura Militar era nossa musa inspiradora. Eram tempos difíceis, mas incríveis. Nós tínhamos em quem bater, uma causa pela qual se levantar. E o teatro é isso, lutar contra um sistema. O espetáculo que apresenta solução está errado. O papel da arte é escancarar o problema e assim fazíamos. E a população respondia, lotavam as apresentações...

Aquele foi o melhor período do teatro amador de Santos. Hoje o FESTA sobrevive porque sempre vai existir alguém que lute por ele. Mas os tempos são outros. Naquela época, vivíamos uma ditadura política e ideológica, mas tínhamos em quem bater. Hoje, o teatro e a cultura sofrem com a ditadura econômica, que inibe o desenvolvimento da arte. Pergunto a você, qual é a pior censura? Qual a mais danosa?”

Karla Lacerda

“Somos uma família de artistas que nasceu em um grupo de teatro amador chamado ‘Uma Mão com Mel’, criado e dirigido por Iracema Paula Ribeiro, que me fez conhecer o FESTA - que foi criado também por uma mulher, a Pagu. Dois anos após a criação do FESTA, o festival passou a fazer parte de um contexto da Federação Santista de Teatro Amador, órgão que ficou responsável pela realização do festival por anos. Três mulheres ocuparam a cadeira da presidência: Naira Alonso, Miriam Vieira e eu. Acreditamos muito que o FESTA é um festival que deu palco e voz às mulheres da nossa região,

e ao Brasil todo, que frequentou as apresentações. Lembrar também Liliâne São Paulo, que trabalhou anos e anos fazendo a bilheteria do FESTA; Iara Nascimento, Angélica Magenta e muitas outras. Que elas estejam sempre em cena, fazendo essa história acontecer."

Maria Aparecida Celestino

"O FESTA era a festa anual do teatro. Todo mundo se preparava para a festa. O primeiro FESTA começou nos idos de 1958. Antes houve um festival de teatro organizado pelo jornal 'O Diário', também comandado pela Patrícia Galvão. Quem venceu aquele foi o Evêncio Martins Quinta, o Zebu, com uma peça do Circo Operário. No ano seguinte começou o FESTA realmente, que também teve o Evêncio como ganhador. A peça se chamava 'A Farsa dos Meninos Bonitos'.

Concorri nesse festival pelo Centro Português, num papel pequeno, e recebi uma medalha como Atriz Coadjuvante. Foi com o grupo 'Os Independentes' que eu tomei parte nos festivais seguintes. O que sempre achei muito importante do festival é que ele revela atores. O público precisa ser trabalhado e o festival atrai gente nova. Muita gente acha que o teatro é aquilo que se faz na televisão.

É preciso mudar isso, levar as pessoas para o teatro e admirar o trabalho do ator. O FESTA incentiva isso. Quanto talento não existe por aí que está afogado? O teatro é uma escola de vida, e é a oportunidade que temos de viver outras vidas.

O Wilson Geraldo venceu muitos festivais e trabalhamos juntos aos 17 anos, no Centro Português. Ele fazia o menino da fazenda. Ele ganhou muitas vezes o prêmio de Melhor Ator. O ator recebe o prêmio toda vez que pisa no palco e transmite. A reação do público é a maior premiação.

Hoje é mais fácil para as mulheres que querem ser atrizes. Na minha época, muitos pais não queriam as filhas em minhas companhias, porque eu era uma moça do teatro."

E quem foi Wilson Geraldo?

Ator e diretor teatral, Wilson dos Santos, mais conhecido como Wilson Geraldo, foi funcionário da Companhia Docas de Santos. Iniciou carreira no teatro amador do Centro Português e depois migrou para o grupo Os Independentes. Na década de 1970 foi agraciado três vezes com o Prêmio Governador do Estado, como diretor. Coursou a Escola de Arte Dramática da USP, aproveitando a bolsa de estudo que recebeu da Secretaria de Estado da Cultura. Formou diversos atores e atrizes do teatro santista, e é lembrado, até hoje, como um dos melhores diretores que Santos já teve.

Neyde Veneziano

"O FESTA é o grande momento teatral santista que, a cada edição se supera, propagando conhecimento, arte, alegrias, emoções e teatro. Mais que isso, é a possibilidade de alargamento do

saber, do entendimento da cena, da troca de experiências. Se tem sido duro o percurso, vale a pena quando a luz de seus refletores ilumina a cidade e desafia nossas cabeças pensantes. Vivi o FESTA durante vários anos. Continuo com ele.”

Raquel Rollo Caio Martinez Pacheco e Junior Brassalotti

Às vésperas da abertura do **FESTA 55 (2013)**, os organizadores prestam depoimento a Rafaella Vicentini:

Rafaella: “Eles estavam em três, mas representavam muitos. Naquela terça-feira, debatiam sobre as dificuldades para realizar o FESTA 55. Receberam-me de maneira entusiasmada. As cenas que me descreveram e recriaram, em sincronia, me fizeram sentir um pouco da tal magia do teatro.”

Raquel: “Estamos nos esforçando, tentando no coletivo fazer com que o FESTA sobreviva e volte a ser um festival para grupos regionais. Infelizmente, o teatro não está inserido na sociedade. É uma pena não ter uma faculdade voltada para isso aqui na região, por exemplo.”

Caio: “O FESTA tem uma carga histórica extremamente significativa. Graças a ele, existe vida teatral em Santos. Trabalhar com o teatro de forma isolada é muito complicado. O que mais

me emociona é justamente essa união que o teatro proporciona: pessoas diferentes se juntando por uma causa, por um evento.”

Junior: “É o momento que temos para mostrar o que é teatro, quem faz, qual é a sua força. Teatro não é entretenimento, não tem que ser agradável. Nossos espetáculos foram entregues ao mercado como mercadoria, mas o FESTA não enxerga o teatro como produto: queremos que seja algo que incomode. O que mais me marcou nesses quase 20 anos que lido com ele foi a possibilidade de conhecer pessoas e estabelecer elos.”

Rafaella: “A inspiração para falar de ‘Movimento’ veio das manifestações que marcaram esse ano?”

“Na verdade, o festival foi um antecipador a isso. Em 2012 discutimos Arte, Política e Pensamento. A ideia desse ano era levantar as contradições de nosso tempo e recuperar o sentido da palavra ‘Movimento’, pois no teatro hoje, existe dificuldade de se relacionar em conjunto. Veio muito a calhar, pois só quando um coletivo se junta a outros coletivos é que podemos ver mudanças. Essa foi a ideia das manifestações. Essa sempre será a ideia do teatro. Essa é a ideia do MOVIMENTO.”

Pausa. A entrevista é abafada pela voz que vem das ruas. As praças e os teatros santistas esperam pelas manifestações artísticas dos mais de 30 grupos que este ano se apresentam, não deixando a história morrer. O movimento pede licença para ocupar “o maior palco do país”. E assim se vão e começa o(a) FESTA.

Ricardo Vasconcellos

“Comecei no FESTA em 1987. Era um jovem com várias aspirações, pleiteando ser um ator profissional. Fiz vários espetáculos durante as décadas de 1980 e 90, o que me inspirou a ser profissional, ir para São Paulo, tentar a vida como ator e me profissionalizar. Em 1987 participei com duas peças: ‘O Guará do Largo Encantado’ e ‘O Tempo Pina na Torre da Igreja’ e, em 88, participei também de ‘Don Chicote e Mula Manca’ e ‘Enquanto o Rei Joga Buraco’, do antigo Zebu que escrevia para coluna de TV do jornal A Tribuna. Fiz espetáculos de vários gêneros e já fui premiado como diretor, ator e autor.

O FESTA foi um divisor de águas na minha vida. Quando comecei a fazer teatro eu queria aparecer no mundo e ele foi vitrine para esse pequeno momento de aparição; esse momento de contar uma história para outros e ser reconhecido naquilo que a gente trata como ofício de atuar.

O FESTA, ao completar 60 anos, também completa 30 anos da minha vida pessoal com a arte. Hoje eu faço um festival de cinema que nasceu em um festival de teatro. Conheci muita gente e também estive em vários grupos, na luta de trilhar um caminho para políticas públicas voltadas para a arte. Pensamos em construir um pensamento único para que a cidade oferecesse melhores condições para que as pessoas fizessem arte, abrindo a cabeça dos políticos e da população.

Era dentro do FESTA que aconteciam essas trocas. Muitos ‘prefeituráveis’ participaram, e o festival os alfinetava para que colocassem a cultura como referência.

O FESTA se modifica a cada ano, o que quer dizer que está vivo, com a memória de Plínio, Pagu, Toninho Dantas, Sérgio Mambert, e vários atores que passaram por aqui.”

Sérgio Guerreiro

“Iniciei minhas atividades no teatro em 1978 e, em 1982, fui eleito secretário da Federação de Teatro Amador. Posteriormente assumi de 1985 a 87 como presidente. Neste momento em que vivíamos, no final da década de 1970 e começo dos anos 80, nós não tínhamos essa composição de festival de teatro.

Vivíamos um momento político onde participávamos ativamente de todos os movimentos nacionais, inclusive a Marcha da Panela Vazia, Federação das Mulheres, e os processos das eleições futuras. A Federação tinha uma preocupação da não concorrência entre os grupos, pois tínhamos uma diversidade muito grande: era o Grupo da Faculdade de Filosofia, da Faculdade de Direito, como também grupos das zonas periféricas de Santos, Guarujá e Cubatão.

Como tínhamos vertentes políticas bem acentuadas, decidimos fazer então Mostras Culturais de Grupos de Teatro não apenas de Santos. Isso mostra que já fazemos metropolização cultural há muito tempo. A Federação é o embrião do processo de metropolização da cultura na Baixada, e isso está bem claro na primeira ata. Nossa Mostra começou em Cubatão, pois na época Edna Moura Lemos era a Secretária de Cultura e abriu as portas, mas a cidade não tinha – e ainda não tem – teatro; então nos apresentamos no piso de mármore do Paço

Municipal. Nessa época tivemos um avanço muito grande, pois tínhamos grupos com muitos recursos e outros sem suporte, e conseguimos com o Estado uma verba para bancar essa Mostra, e o dinheiro foi todo revertido para os grupos. Conseguimos, dessa forma, equilibrar a produção cultural.

A gente vai ter a retomada do FESTA enquanto Festival quando o Toninho Dantas assume a Federação. Na época da Pagu tínhamos, na verdade, o Festival Estudantil, que não tinha essa formação pela federação, apenas apoio do Estado. Vamos ter essa vinculação a partir de 1964, quando a federação é fundada.

Isso é interessante porque a gente percebe que o FESTA e a Federação criaram um celeiro de grandes nomes, que desenvolveram culturalmente a cidade, o país, e até mesmo o mundo. Temos como exemplo o iluminador que ganhou vários prêmios no FESTA, que é o Eliel Ferreira, que hoje está na Itália. Ele foi iluminador dos últimos anos do Dário Fo, um dos grandes diretores mundiais. Temos também Neyde Veneziano, doutora em Teatro de Revista.

Outra coisa importante na década de 1980 é que a Federação de Teatro tomou de assalto a Cadeia Velha, que antes não era ocupada por artistas. Na época, a Ivana Brasil marcou uma reunião com Sérgio Pinto Freire, então secretário-adjunto da Secretaria de Estado, onde o Movimento avisou que iria tomar a Cadeia Velha. Pegamos um caminhão, colocamos as coisas dentro e ocupamos o espaço com muita programação.

A partir de 1982 começamos as Oficinas Culturais, trazendo grandes nomes que já faziam parte do cenário. Dela saíram os

novos expoentes, como Renata Zaratini e Nayara Gomes Gago, pessoas que dão continuidade ao trabalho. Esse momento é extremamente importante porque marca para os amadores um termômetro de qualidade na produção dos espetáculos. As obras produzidas aqui vão para o circuito em São Paulo e ganham prêmios.

O grande barato sempre foi a troca que a gente teve, com um movimento sempre muito ligado com a questão da metropolização. Fizemos mostras em São Vicente, e outro grande exemplo da nossa força é a realização da Encenação da Chegada de Martim Afonso. Na época, eu era secretário da Federação, e São Vicente queria fazer o espetáculo. A família Frutuoso teve a ideia - a Regina, que era professora de História -, mas não sabiam para onde caminhar e trouxeram para a Federação.

Nós reunimos todos os amadores da região e fizemos a primeira encenação, toda ensaiada aqui na frente da Cadeia. Isso fomentou os grupos a criarem o espetáculo e todo o movimento que existe hoje, com grandes artistas, que vão produzir muito mais”.

(Sérgio Guerreiro foi secretário da Federação Santista de Teatro Amador em 1982, e seu presidente de 1985 a 87)

Silvio Roupá

“Comecei no FESTA realmente no início. Meu grupo de teatro já participava de festivais antes do FESTA. Nesse meio teatral, os

grupos eram muito atuantes e partiu do Oscar Von Pfuhl a ideia de formação de uma Federação do Teatro Amador de Santos. O Greggi Filho também abraçou a ideia e daí nasceu a Federação.

Nós participamos do 1º FESTA e ganhamos, com o grupo Os Independentes, e a peça 'A Farsa dos Meninos Bonitos'. A maioria veio do rádio santista, como eu, que comecei na Rádio Atlântica. Nosso grupo se chamava 'Os Independentes' porque não queríamos ser dependentes de verbas. Contávamos com a colaboração do City Clube, que ficava nas dependências da atual CPFL, e onde hoje tem a Vila do Teatro havia um teatrinho com palco, que pertencia à City. Ensaíávamos e apresentávamos lá no palco italiano.

194 No entanto, como tínhamos dificuldade de só trabalhar com as nossas verbas, começamos a fazer teatro de arena. Interessante porque até ali a maioria do teatro usava ponto e nós decoramos a peça realmente.

Saí de Santos após o final do grupo Os Independentes, e me mudei para São Paulo e depois Curitiba. Quinze anos depois retornei para participar da peça espírita 'O Beco da Solidão'.

De lá para cá trabalhei com outras pessoas, como a Maria Tornatore. Já fiz bastante pelo teatro. Lutei bastante pelo Teatro Municipal, pois na época tínhamos teatro mas não podíamos usar.

Foi uma batalha, com Rosinha Mastrângelo e com Patrícia Galvão, uma na Tribuna e outra no Diário, comigo trabalhando na época na Secretaria de Cultura.

Batalhamos mesmo, até conseguir o teatro que está aí, que para nós foi a glória. Queríamos ainda mais, pois tínhamos ali no Museu da Imagem e do Som um estúdio de música, a ser desenvolvido com o Mendes. Isso não aconteceu, mas o teatro está lá. Essa foi a nossa glória, nossa grande batalha."

(depoimento tomado em 2018)

Tanah Corrêa

"Ele (o Festival Santista de Teatro) foi a raiz de formação cultural de muita gente. Minha crítica é que ele precisa ser o meio, não o fim. Os grupos precisam ter peças boas para apresentar no festival, e não criar essas peças para ele. O FESTA é de fundamental importância e não vai acabar. O teatro enfrenta barreiras desde sempre que são vencidas - de forma 195 mais ou menos contundente - mas são vencidas."

Vall Carthom

"Eu sou da Cia. Teatral Saga, criada em 1984 e até hoje dirijo e mantenho essa companhia viva. Em 1992 a gente sequer imaginava participar do FESTA pela primeira vez mas tínhamos, a partir daquele ano, uma jornada longa, cheia de surpresas e aprendizados.

Ainda na época em que os grupos competiam, era uma bagunça organizada. Queríamos receber o prestígio pelo nosso trabalho e o Troféu Pagu.

No 41º FESTA, em 1999, eu e minha parceira Rosangela Oliveira tivemos o prazer de trazer de volta aos palcos o teatro feito por crianças. Foi legal pois incentivamos outros grupos a levar crianças para os palcos do FESTA. Isso fez as salas de aula incentivarem as crianças a fazerem teatro.

O FESTA acabou criando então a categoria Mirim e nós tivemos a oportunidade de ganhar alguns troféus Pagu, e fazer aquela bagunça na plateia, no dia da premiação.

Fiz parte dessa história, como diretor e presidente da Federação Santista de Teatro Amador, com um problema que ainda existe: a questão financeira. O festival proporcionou muita coisa boa, como a oportunidade de trocarmos informações com grupos de outros lugares."

196

A Cidade e seus Artistas

A cidade é também o lar – de nascimento ou escolha – de uma série de dramaturgos cujas obras alcançam projeção nacional. Para a cena teatral regional, certamente uma das figuras de maior destaque foi **Patrícia Galvão** (1910-1962), escritora e jornalista. Entre os dramaturgos, destacamos:

Miroel Silveira (1914-1988)

Diretor de teatro, crítico teatral e ensaísta, trabalhou com as companhias *Os Comediantes*, dirigido por Zbigniew Ziembinski (1908-1978), e *Teatro Popular de Arte*, de Maria Della Costa (1926-2015) e Sandro Polloni (1921-1995). É autor de "*Casa/ Vinte*" (1957), "*Prometeu Libertado*" (1982) e "*Romaria*" (1983).

197

Evêncio da Quinta (1933-1991)

Autor de textos premiados como "*Um Bar Qualquer*" (1959), "*A Demissão*" (1959), "*Enquanto o Rei Jogava Buraco*" (1965) e "*A Rosa Verde*" (1966).

José Greghi Filho (1937-2001)

Ator, diretor e dramaturgo, um dos fundadores da Federação Santista de Teatro Amador. Alguns de seus sucessos incluem "*Uma Rosa para Hitler*", "*Xequê-Mate*" e "*A Farsa do Príncipe Invisível*".

Carlos Alberto Soffredini (1939-2001)

Participou do grupo teatral TEFFI (Teatro Escola Faculdade de Filosofia), tendo como companheiros no período Jandira Martini (1945), Ney Latorraca (1944), Neyde Veneziano (1944), e Rubens Ewald Filho (1945-2019). Entre suas obras destacam-se *"O Caso Dessa Tal de Mafalda, que Deu Muito o Que Falar e Que Acabou Como Acabou, Num Dia de Carnaval"* (1967), *"Mais Quero Asno Que Me Carregue Que Cavalo Que Me Derrube"* (1969), *"Na Carrêra do Divino"* (1979), *"Vem Buscar-me Que Ainda Sou Teu"* (1979), *"Pássaro do Poente"* (1987) e *"Vacalhau e Binho"* (1993).

Plínio Marcos (1935-1999)

Escritor e dramaturgo santista de projeção mundial, um dos primeiros a abordar temas e personagens marginalizados em textos como *"Barrela"* (1958), *"Dois Perdidos Numa Noite Suja"* (1966), *"Navalha na Carne"* (1967), *"Quando as Máquinas Param"* (1967), *"Jornada de um Imbecil até o Entendimento"* (1968), *"O Abajur Lilás"* (1969), *"Noel Rosa, O Poeta da Vila e seus Amores"* (1977), *"Querô, Uma Reportagem Maldita"* (1979), *"Madame Blavatsky"* (1985), *"A Mancha Roxa"* (1988) e *"O Assassinato do Anão do Caralho Grande"* (1995), entre outros.

Nota

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos a comunicação de toda informação relativa à autoria das fotos, ou a outros dados que porventura estejam incompletos para que sejam devidamente creditados.